

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Ano XV – Nº 58 – Abril / Junho 2007 – Preço – 5,00 € (IVA incluído)



58

«O LOUVOR DE GLÓRIA»

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>Uma vocação: «louvor de glória»</i>	83
ANTÓNIO JOSÉ GOMES MACHADO	
<i>Isabel da Trindade</i>	
<i>Jovem, carmelita, profeta da interioridade</i>	85
ARMINDO DOS SANTOS VAZ	
<i>Ler a Bíblia no início do séc. XX</i>	
<i>Isabel da Trindade</i>	103
GREGORY ROSS	
<i>A Santa da Inabituação divina</i>	127
<i>Uma página carmelitana do Cardeal J. Ratzinger</i> . . .	137
TERESA FERRER PASSOS	
<i>Apelos sacros de Fátima</i>	139
AMÉRICO PAULO MAIA, CMF	
<i>Um novo olhar sobre o Romance.</i>	
<i>Meditações dispersas</i>	155

NÚMERO 58

Abril – Junho 2007

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Director

P. Alpoim Alves Portugal

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Joaquim da Silva Teixeira
P. Vasco Nuno da Costa

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Convento de Avesadas
Apartado 141
4634-909 MARCODECANAVESES
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359
E-Mail: editorial@carmelo.pt

Assinatura Anual (2007)	€18,00
Europa	€26,50
Fora da Europa	€45,00
Número avulso	€5,00

Impresso na ARTIPOL - Mourisca do Vouga - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

UMA VOCAÇÃO: «LOUVOR DE GLÓRIA»

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«... Quando ler estas linhas, o seu pequeno *louvor de glória* já não cantará na terra, mas viverá na fogueira imensa do amor... Se lho permitir, a sua pequena hóstia passará o seu céu no fundo da sua alma. Ela protegerá a sua vida de intimidade com o amor, a sua fé no amor... Nada fará sem vós diante do trono de Deus; sabe que levo a sua recomendação, e o que é seu estará com a sua filha diante da face divina. Peço-lhe que não realize nada sem mim... Mãe predestinada para mim desde a eternidade, ao partir deste mundo deixo-lhe em herança a vocação que tive dentro da Igreja militante: ser *louvor de glória* da Santíssima Trindade» (*Carta 301*).

Esta confidência de Isabel da Trindade feita à sua Madre priora no Carmelo de Dijon, relativamente pouco tempo antes de partir para a «glória», revela bem o que leva no seu mais íntimo e a sua capacidade e sentido de amar, mas também o sentido da sua vocação dentro da Igreja. Já no Carmelo, ela sente sobretudo dilatar-se a sua capacidade de amar, ao mesmo tempo que purifica e aperfeiçoa o sentido da amizade. São inumeráveis os testemunhos que aparecem ao longo dos seus escritos mas destacamos as palavras escritas nesta carta, quando já se encontrava muito doente, e a poucos meses da sua morte.

Tudo isto mostra como em Isabel triunfara definitivamente a interioridade sobre a exterioridade, a doação sobre o egoísmo, a entrega sobre a comodidade, a vida íntima da graça divina sobre a intimidade humana, a vida para dentro sobre a vida para fora. Assim, e só assim, pôde chegar a ser *louvor de glória*.

Aqui estão, certamente, as bases para a vocação martirial que Isabel viveu: todo o seu ser foi disponibilidade para o sacrifício, apesar de nunca

ter amado ou desejado a dor pela dor. O sofrimento aparece no horizonte da sua vida como um desejo de se configurar com Cristo, feito carne da cruz, como expressão do seu zelo apostólico e como consequência lógica do seu amor divino. A sua ascese é uma ascese de amor.

Por isso, ao definir-se a si mesma como «*louvor de glória*», Isabel aparece-nos como uma mulher feita para os demais. A sua caridade está sempre disponível, mas sente um amor especial pelos pecadores; oferece por eles sacrifícios, e até a própria vida. Todos os aspectos da sua riquíssima personalidade têm o seu vértice e o seu ponto de convergência e unificação na fidelidade absoluta à sua vocação pessoal: ser permanentemente morada da Santíssima Trindade.

Formada na escola de S. João da Cruz e de S. Paulo, concretizará o seu caminho espiritual na transformação em Cristo. A doutrina do Apóstolo foi o alimento da sua contínua oração. Tudo o que nela encontramos é uma ressonância da profundidade e luminosidade do pensamento paulino: a sua correspondência epistolar, as suas conversas no locutório, as suas quadras nos dias festivos e as suas práticas de expansão íntima, não são mais do que o eco de S. Paulo, a quem Isabel comenta de modo absolutamente sublime. Nas cartas paulinas descobrirá o seu Nome novo, aquele nome que – segundo o Apocalipse – receberão os eleitos no novo céu e na nova terra: o apóstolo escreve que

«fomos escolhidos, predestinados, por um decreto d'Aquele que realiza todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade, a fim de que sejamos o louvor da sua glória (cf. *Ef* 1,11-12). Nestas palavras encontrei a minha vocação e, uma vez que serei eternamente um louvor de glória a Deus, quero ser *Laudem Gloriam* já desde a terra» (*Carta* 231).

Ser louvor de glória significa para Isabel ser uma alma conforme em tudo com a vontade de Deus,

«que mora em Deus, que o ama de um puro e desinteressado amor... Uma alma de silêncio que permanece como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo a fim de que Ele dela possa extrair harmonias divinas... Uma alma que olha Deus, na fé e na simplicidade... É um estar em contínua acção de graças» (*O Céu na terra*, 43).

Que este número da Revista de Espiritualidade ajude a descobrir a vocação de todos e cada um: a vocação de ser «*louvor de glória*».

ISABEL DA TRINDADE:

Jovem, carmelita, profeta da interioridade *

ANTÓNIO JOSÉ GOMES MACHADO, OCDS

Introdução

Isabel Catez nasceu no campo militar de Avor a 18 de Julho de 1880 e morreu no Carmelo de Dijon a 9 de Novembro de 1906. Vinte e seis anos de uma vida intensa e heróica. Um período curto de vida, mas cheio de uma riqueza e de uma maturidade que nos desconcerta.

Nada fez de extraordinário, viveu a sua juventude intensamente, consagrou-se a Deus na vida contemplativa e escondida do Carmelo, e no entanto, sem nunca ter estado na mediatidade dos média, como hoje muitos procuram, ela tornou-se mundialmente conhecida, modelo e farol.

Dotada duma sensibilidade peculiar, Isabel, viveu a sua vida numa abertura a Deus e aos outros.

Tinha um coração rico de bondade e um sentido singular de verdade, o que lhe grangeou muitas amizades.

Bonita e sempre elegantemente vestida, excelente pianista, descobriu muito cedo a riqueza da presença divina na alma. E tendo tal

* Conferência proferida no XIII Encontro Nacional do Carmo Jovem, 30 de Setembro de 2006.

Hóspede dentro de si, a Ele se consagrou com todas as suas forças e para toda a vida. Por isso, quer passeando, ou estando no silêncio de uma Igreja, tocando piano ou dançando, permanecendo em oração, ou conversando com os amigos, Isabel viveu sempre nesta relação de intimidade e de amor com Deus, que nada nem ninguém podia perturbar. Seduzida por Deus, deixou-se por Ele seduzir.

O fogo que lhe ardia no coração ela no-lo transmite hoje com a sua vida e com os seus escritos.

Neste deserto povoado em que vivemos, esta jovem, carmelita e santa apresenta-se-nos como profeta. Profeta da interioridade, profeta desses “Três” (assim se referiria à Santíssima Trindade) que nos habitam.

A humanidade desorientada procura desvairadamente a felicidade pelos caminhos mais diversos. Mas a maior parte deles conduzem-na ao vazio e à letargia.

A verdadeira felicidade está em Deus. A busca da felicidade que todos de uma maneira geral procuram, no fundo é uma busca de Deus, mesmo não tendo consciência disso.

Mas não precisamos procurar muito nem fazer grandes esforços para encontrar Deus: Ele está em nós. É dentro de nós que O acharemos e, deste modo, a felicidade.

Esta foi a experiência de Isabel da Trindade, a mesma experiência que ela nos legou.

Jovem

O materialismo de Marx e o racionalismo de Nietzsche, com a sua teoria da “morte de Deus”, no séc. XIX, conduziram a humanidade à desorientação e à chamada “era do vazio”, segundo a expressão de Lipovtsky. O que deveria ter libertado o Homem de todos os grilhões, acabou por o aprisionar dentro do seu vazio interior. É neste horizonte que se desenrola a história do séc. XX e que ainda chega aos nossos dias.

Mas o curioso, é que neste período, ao mesmo tempo que estes pensadores procuram libertar o Homem da tutela de Deus, considerando-O dispensável ou mesmo o “ópio” que encarcera a sua liberdade e inteligência, surgem na Igreja, e em especial no Carmelo, uma série de testemunhas de santidade, na sua maioria jovens, que fazem a experiência oposta: Deus existe, Ele está mais vivo do que nunca.

Santa Teresinha do Menino Jesus, a Beata Isabel da Trindade, Santa Teresa dos Andes, a Beata Elias de S. Clemente, a Beata Teresa do Menino Jesus e de S. João da Cruz, a venerável Anita Cantieri, e os servos de Deus Ir. Maria Felícia de Jesus Sacramentado e Frei Benigno de Santa Teresa do Menino Jesus, são alguns destes exemplos de santidade na juventude que floresceram no jardim do Carmelo. Uns já na glória dos altares, outros a caminho, e porventura muitos outros que permanecem no anonimato.

A juventude é o tempo da aventura, das grandes emoções, de viver a vida apaixonadamente. É o tempo dos sonhos, dos projectos e também da tomada de decisões.

Às vezes o tempo da juventude é caracterizado como sendo um tempo de irresponsabilidade, mas pode ser também o tempo nobre e fecundo de verdadeira santidade.

Quantos jovens, no auge das suas forças, na alegria da sua vida se entregam generosamente a um projecto, a uma causa, ao serviço dos outros...

Isabel da Trindade, é uma destas jovens: exemplar na sua conduta, amável e com uma enorme capacidade de amar. Determinada, sem medo de falhar, entregou-se ao projecto que Deus tinha para ela numa total fidelidade, uma das marcas do seu carácter.

Isabel – Marie Elisabeth Joséphine Catez – foi batizada quatro dias depois do seu nascimento. Era a filha primogénita de Joseph Catez e Marie Rolland Catez. Dois anos depois vem juntar-se ao lar a sua irmãzinha Margarida, sua companheira inseparável.

Filha e neta de militares herdou a disciplina, o rigor, a vontade firme e determinada em lutar pelas suas convicções. Da mãe herdou a

sensibilidade, o gosto pela arte e a música e uma grande capacidade de comunicar e fazer amigos.

Na infância, Isabel revelou uma natureza viva e forte. Era impulsiva e por vezes colérica, um verdadeiro vulcão sempre pronto a entrar em erupção.

Com o passar dos anos, esta natureza ardente, deu origem a uma natureza calma e cativante. Sabeth aprendeu a dominar-se, o vulcão, sem se extinguir, acalmou, pois percebeu que o seu comportamento feria os outros, e o seu coração tão bom e tão cheio de doçura levaram-na a empreender todos os esforços por se controlar. E conseguiu. A sua determinação deu-lhe a vitória.

Quando tinha sete anos o seu pai morreu, nos seus braços, vítima de um ataque cardíaco. A Sra. Catez com menos recursos mudou-se com as duas filhas para uma casa menor na rua Prieur-de-la-Côte. Da janela do quarto Isabel podia avistar o Carmelo de Dijon. Esta vizinhança com as carmelitas vai ajudar a despertar na pequena Isabel o desejo de se entregar a Deus.

A 19 de Abril de 1891, na Paróquia de São Miguel, Isabel fez a sua primeira comunhão. Ao sair da Igreja disse à sua amiga Maria Luísa «*Não tenho fome, Jesus saciou-me...*».¹ Um mês e meio depois recebeu o sacramento da confirmação.

Embora não tendo frequentado a escola, Isabel teve uma formação geral e literária, com aulas particulares em casa. Paralelamente, frequentou o Conservatório de Dijon, onde estudou piano e no qual se tornou exímia. Isabel era uma artista. A música e a arte fascinavam-na. E porque Deus é beleza, é na beleza que ela O encontra. Aos treze anos recebeu o seu primeiro prémio de piano no conservatório de Dijon. Participou em concertos organizados pelo conservatório e o seu talento precoce mereceu os louvores nos jornais locais.

Passava várias horas por dia ao piano, e nas reuniões familiares ou com os amigos demonstrava os seus talentos musicais animando as festas e os serões.

¹ CARMELO DE DIJON; MEESTER, Conrad – *Procuro-te desde a aurora: evocação de um rosto e de um coração*. Oeiras: Edições Carmelo, [1985], p. 34.

Todos os anos Isabel, a mãe e a irmã viajavam dando longos passeios, e passando longas temporadas em casa de familiares e amigos. Ela era muito sociável, conversadora, simpática, divertida e por isso agradável e querida de todos.

Calculam-se uns 8000 km os que percorreu viajando de comboio, num espaço curto de tempo, o que para aquela época já era algo notável. Nos passeios e viagens apreciava as belezas da natureza, convivia e divertia-se com os amigos, jogava ténis, cricket, tocava piano, cantava e dançava. Nada a distinguia das outras jovens. Era uma jovem comum, mas ao mesmo tempo havia algo nela que a tornava distinta das demais.

Isabel era elegante, gostava de se arranjar bem. Os seus vestidos e os chapéus estavam sempre em dia conforme a moda ditada por Paris. No entanto não era vaidosa e apresentava-se sempre com simplicidade. Os aparatos exteriores não eram importantes para ela, os seus ideais eram outros. Ela soube sempre distinguir o essencial do acessório. À primeira vista, a vida juvenil de Isabel poderia parecer uma corrida de festa em festa, de viagem em viagem, cheia de brilho, com muitos amigos e alegria. De facto assim foi, mas não foi apenas isto. Nos passeios, nas viagens, nas visitas a castelos ou museus, nas festas, ao piano, cantando ou dançando, Isabel permanecia recolhida no centro da sua alma, num diálogo fecundo com Deus.

Aos catorze anos, numa Eucaristia, após a comunhão, Isabel sentiu um desejo irresistível de se entregar a Deus por toda a vida. Consagrou-se por inteiro e fez voto de virgindade.

«Ia fazer catorze anos, quando um dia, durante uma acção de graças, me senti irresistivelmente inspirada a escolher Jesus como único Esposo e imediatamente a Ele me liguei por um voto de virgindade.

Não nos dissemos nada, mas entregamo-nos um ao outro de tal maneira que a resolução de Lhe pertencer totalmente tornou-se em mim ainda mais definitiva».²

Isabel era uma apaixonada, tinha um coração terno capaz de amar com loucura, mas também sentia a necessidade de ser amada. No

² JESUS, Germana de – *Recuerdos: Isabel de la Trinidad*. 3ª ed. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1985, p. 52.

entanto, compreendeu que ninguém conseguiria corresponder a esta exigência de amor. Só Deus, com o Seu Amor infinito, era capaz de a preencher. Ela sente-se amada por Deus e só Ele lhe basta.

Assim, vivendo no mundo, permanecia no entanto mergulhada em Deus no meio das mais diversas ocupações. Por isso, a oração passou a ocupar um lugar privilegiado no seu quotidiano, não por simples devoção ou ritualismo piedoso, mas como uma exigência de amor.

Sempre que possível na solidão do seu quarto, ou numa Igreja, Isabel rezava com confiança. Mesmo nos grandes eventos e festas sociais, Isabel permanecia recolhida na sua alma em profunda e silenciosa oração.

O seu olhar doce e penetrante revelava e deixava entrever um pouco a riqueza da sua vida interior e de intimidade com Deus. E foi esta união com Deus, esta capacidade de no meio do mundo conseguir este equilíbrio entre a vida e a contemplação que a tornaram numa jovem feliz, mesmo no meio das dificuldades e sofrimentos, que também os teve.

«[...] Eis o que fez da minha vida, vo-lo confio, um céu antecipado: acreditar que um Ser, que se chama Amor habita em nós a qualquer momento do dia e da noite e que nos pede que vivamos em sociedade com Ele [...]».³

À medida que vai crescendo na intimidade com Deus e se vai abrindo à Sua graça, ela descobre que é no Carmelo que deve realizar a sua vocação. Deseja tornar-se carmelita para no silêncio do Claustro se dedicar totalmente à vida de oração, ao jeito de Santa Teresa, cujos escritos a cativaram, e assim viver em comunhão contínua com Deus.

Inicialmente a sua mãe recusa-se a autorizar a sua filha a entrar no Carmelo. Tenta persuadi-la, procura arranjar-lhe um bom partido para casar, mas sem êxito, a sua filha estava determinada a ser carmelita, mesmo sem entrar na clausura.

Isabel sofria em silêncio, mas compreendia as hesitações da mãe. E como naquele tempo cabia à filha mais velha tomar conta dos pais,

³ ELISABETH DE LA TRINITÉ, B. – *Oeuvres Complètes*. Paris: Editions du Cerf, 1991, C 330, p. 785.

ela estava pronta a oferecer o sacrifício de não realizar o seu desejo de se tornar carmelita, e ficar junto da sua mãe cuidando dela. Conforma-se, mas não desiste: será sempre carmelita no seu coração. O importante é abandonar-se em Deus e corresponder à Sua vontade.

No mundo, vivia como se não fosse do mundo. Ela bem sabia o que era essencial, por isso, nem as festas, nem os passeios, as tertúlias com os amigos ou a moda, nada a fazia desviar do centro que é Deus, onde encontrava a total liberdade, e o amor por que ansiava o seu coração.

«Dai-me a solidão do coração. Que eu viva na vossa íntima união, que nada, nada mesmo possa distrair-me de Vós; que a minha vida seja uma oração contínua! Vós o sabeis, bom Mestre, que o meu consolo, quando participo dessas reuniões, dessas festas, é recolher-me e gozar da Vossa presença, porque sinto-Vos tão presente em mim, ó meu Bem supremo. Nessas reuniões ninguém pensa em Vós, e acho que ficais feliz se um coração, mesmo pobre e miserável como o meu, não Vos esquece».⁴

Enquanto leiga, Isabel cresceu na intimidade com Deus e experimentou que era por Ele habitada, que no seu coração O podia encontrar sempre, e portanto, nada nem ninguém a podia separar d'Ele. A oração era o caminho para o conseguir. Este é o ideal do Carmelo com o qual ela se identificava totalmente. E este ideal, ela podia vivê-lo, mesmo fora dos muros da clausura.

Paralelamente à rica vida espiritual, a jovem Sabeth também se dedicou ao apostolado. Participava activamente na vida pastoral da paróquia: catequese, câro, assistência aos mais necessitados, sobretudo entre as crianças. Desenvolveu também o apostolado junto das operárias da fábrica de cigarros, no patronato para os seus filhos a quem ela colocou sob a invocação de Nossa Senhora, para o qual inventou um nome totalmente original na história da mariologia: “Nossa Senhora do Tabaco”.

Isabel, uma jovem empenhada, uma jovem convicta, determinada, uma jovem de Deus. O segredo? O abandono e a confiança em Deus e no Seu Amor.

⁴ Ibidem, D 138, p. 880.

«O abandono, querida senhora, eis o que nos entrega a Deus. [...] Não temos suficiente confiança n’Aquele que nos envolve com a sua Caridade».⁵

Carmelita

Frente à determinação da filha em se fazer carmelita, a Sra. Catez não teve outro remédio senão autorizar o ingresso de Isabel no Carmelo, mas somente aos 21 anos.

Isabel entrou como postulante no Carmelo de Dijon a 2 de Agosto de 1901. Recebeu o hábito no dia 8 de Dezembro do mesmo ano e tomou o nome de Ir. Maria Isabel da Trindade. A 11 de Janeiro de 1903, na festa da Epifania, fez a sua profissão perpétua.

Finalmente carmelita! Isabel era feliz, mesmo com o coração dilacerado e a “sangrar”, como ela escreveu, por se ter separado da sua mãe.

A cruz suportou-a com alegria, porque era o próprio Jesus quem a carregava. Ela era feliz porque estava a realizar a sua vocação. Deus tinha-a chamado a subir a montanha do Carmelo. E tinha chegado o momento de iniciar a sua subida. Não vai demorar muito a chegar ao cume. Cinco anos e três meses nesta caminhada no Carmelo.

«Ah! Se tu soubesses como é bom estar sobre a montanha do Carmelo. Deixei tudo para poder subi-la, mas o meu Jesus veio ao meu encontro. Tomou-me em seus braços para me levar como uma criancinha e para substituir tudo o que deixei por Ele».⁶

O bonito e a singularidade de Isabel, é que ela foi carmelita, mesmo antes de entrar no Carmelo. Ela já era santa antes de entrar no Carmelo...

Como já vimos, a sua forte relação de intimidade com Deus, a oração contínua nas mais variadas ocupações, antes do seu ingresso no

⁵ Ibidem, C 129, p. 415-416.

⁶ Ibidem, C 116, p. 402.

Carmelo, revelam-na como uma mística, carmelita no mundo, vivendo com toda a intensidade o preceito principal da Regra do Carmelo: «meditar dia e noite na Lei do Senhor».

Mas, no Claustro, Isabel atingiu a plenitude da intimidade com Deus. No mosteiro tudo estava orientado para esta intimidade e comunhão: as várias horas de oração, o trabalho, os recreios, a leitura, o silêncio... tudo estava impregnado de Deus e por isso ela sentia-se como um “peixe dentro de água”. Estava no seu ambiente, no seu habitat, capaz de corresponder às suas exigências interiores.

«Tudo é delicioso no Carmelo, encontramos o bom Deus tanto na barrela como na oração. Não há senão Ele por toda a parte. Nós vêmo-Lo, respiramo-Lo. Se soubesses como sou feliz, o meu horizonte alarga-se cada dia mais».⁷

Nas cartas que escreveu no Carmelo para os familiares e amigos abundam as referências à vida carmelitana, conseguindo de uma forma muito clara transmitir a sua essência. E em cada missiva irradiava a alegria e a felicidade que encontrou na sua vida de carmelita.

«Não encontro expressões para dizer toda a minha felicidade. Aqui, nada mais há senão Ele, Ele é tudo, Ele basta e é apenas d’Ele que se vive. Encontramo-Lo por toda a parte...».⁸

No Carmelo vive-se de Deus pela fé numa entrega total e num abandono à vontade de Deus. Ver Deus em tudo e através de tudo para depois o transmitir aos outros.

«A vida duma carmelita é uma comunhão de manhã até à noite, da noite até de manhã. Se Ele não enchesse as nossas celas e os nossos claustros, oh! Como tudo seria vazio, mas através de tudo O vemos, porque O temos em nós e a nossa vida é um céu antecipado. Só peço a Deus que te ensine todos estes segredos».⁹

Apesar da felicidade que genuinamente brotava do seu coração, ela não foi isenta de espinhos. Isabel também abraçou a cruz!

O tempo de noviciado, após a sua tomada de hábito, foi um tempo difícil para Isabel: é o tempo da noite escura... A separação da

⁷ Ibidem, C 89, p. 360-361.

⁸ Ibidem, C 91, p.

⁹ Ibidem, C 123, p. 409-410.

mãe, que Isabel sabia estar a sofrer com a sua partida, e apenas a 150 metros da sua cela... A monotonia e a pobreza da vida monástica, tão diferente da vida burguesa que tinha antes, cheia de cor, música, festa, *glamour*... A falta do seu piano... Mas sobretudo os sofrimentos interiores: Isabel desejava fazer tudo o mais perfeitamente possível.

Ela queria ser fiel à sua vocação em tudo, mesmo nos pequenos detalhes. E então surge uma crise de escrúpulos: estaria o Senhor contente? Cumpriria bem cada ponto ditado pela Regra?

A oração torna-se difícil, Deus parecia estar ausente na presença... São as purificações interiores necessárias para chegar ao cume da Montanha.

Mas, Isabel não desanima e não desiste, cresce na humildade, na confiança e na simplicidade, mais do que nunca vive da fé, abraça a cruz e entrega-se ao Esposo da alma por quem tudo deixou, e Ele em troca todo se Lhe dá.

Vive de amor, um amor verdadeiro, forte, generoso...

«Uma carmelita, é uma alma que olhou o Crucificado, que o viu oferecendo-se como vítima ao seu Pai pelas almas e, recolhendo-se sob esta grande visão da caridade do Cristo, ela compreendeu a paixão de amor da sua alma, e quis dar-se como Ele!... E na montanha do Carmelo, no silêncio, na solidão, numa oração que nunca acaba, pois continua através de tudo, a carmelita vive já como no céu: “de Deus só”».¹⁰

A noite é iluminada pela fé... nada há a temer... A fidelidade e a confiança no amor misericordioso de Deus, fazem Isabel galgar pelos caminhos da mística e da santidade.

A união transformante da alma com o Esposo, fazem-na viver totalmente entregue ao Amor e a partir d’Ele oferecer-se pela salvação das almas.

Agora nada lhe faz falta, ela tem tudo, porque tem a Deus. Só Ele basta...

«Quem poderá descrever a alegria da minha alma quando contemplando o Cristo que tinha recebido na minha profissão e

¹⁰ Ibidem, C 133, p. 421.

que a nossa Reverenda Madre colocou “como um selo no meu coração”, eu pude então dizer: Enfim, Ele é meu e eu sou toda d’Ele, só o tenho a Ele, é o meu Tudo!

E agora já só tenho um desejo, amá-Lo, amá-Lo todo o tempo, velar pela sua honra como uma autêntica esposa, fazer a sua felicidade, torná-Lo feliz, reservando-Lhe uma morada, um abrigo na minha alma e que aí, Ele esqueça, à força de amor, tudo o que os maus fazem de abominável!».¹¹

O Carmelo ajudou a jovem Isabel à experiência do amor e à simplificação da sua vida: tudo o que é, o que tem e o que faz é pelo Senhor. É o matrimónio espiritual que a faz, já nesta terra, viver o que, na glória do céu, vai experimentar por toda a eternidade.

«Parece-me que no Carmelo se torna tão simples viver de amor; de manhã à noite a Regra ali está para nos exprimir instante por instante a vontade de Deus. Se soubésseis como amo essa Regra que é a forma pela qual Ele me quer santa: não sei se terei a felicidade de dar ao meu Esposo o testemunho do meu sangue pelo martírio, mas pelo menos, se viver plenamente a minha vida de carmelita, terei a consolação de trabalhar para Ele, para Ele só.

Então que importa a ocupação na qual Ele me quer, uma vez que Ele está sempre comigo, na oração, na intimidade que nunca mais terá fim?

Sinto-O tão vivo na minha alma, que me basta recolher-me para O encontrar dentro de mim, e isso faz toda a minha felicidade. Ele pôs no meu coração uma sede de Infinito e um desejo tão grande de amar, que só Ele pode saciar.

Então, chego-me a Ele, como a criancinha à sua mãe, para que Ele pegue em mim e me leve nos seus braços; parece-me que se deve ser tão simples com o bom Deus!».¹²

Na primavera de 1905 começou a manifestar-se o esgotamento físico precursor da sua doença e que a conduziu ao calvário.

Em Março de 1906 deu entrada na enfermaria do Carmelo onde permaneceu oito meses. A doença, *mal de Addison*, então incurável, foi minando o seu corpo deixando-a sem forças.

¹¹ Ibidem, C 156, p. 462-463.

¹² Ibidem, C 169, p. 486.

Consumida e arruinada pela doença, Isabel morreu na madrugada de 9 de Novembro de 1906. Morreu “mártir de amor” como ela tanto desejava. Dos seus lábios brotaram as suas últimas palavras «*Vou para a luz, para o Amor, para a Vida...*».

Profeta da Interioridade

A mensagem de Isabel é muito rica e muito simples: a alegria da descoberta da presença de Deus na nossa alma, com quem continuamente podemos permanecer num diálogo amoroso. Esta foi a sua vida e é a mensagem que ela hoje nos transmite, como fez outrora aos seus familiares e amigos.

No dia da Primeira Comunhão, levaram-na a visitar o Carmelo, e no locutório, a então Prioressa, a Madre Maria de Jesus ofereceu-lhe uma estampa onde escreveu o significado do nome Isabel: “casa de Deus”. A partir daí ela vai fazer jus ao seu nome.

«Parece-me que encontrei o meu Céu na terra, porque o Céu é Deus, e Deus é a minha alma. No dia em que compreendi isto, tudo em mim se iluminou e gostaria de dizer baixinho este segredo àqueles que amo para que também eles em tudo adiram sempre a Deus e que se realize esta prece do Cristo: “Pai, que eles sejam consumados no Uno”!».¹³

Ter consciência de que era habitada por Deus, um Deus que era todo amor, que a qualquer hora do dia ou da noite, lá estava presente, foi o que constituiu o seu «céu na terra». Uma presença silenciosa e amorosa que nunca a abandonava e que a impulsionava a mergulhar no seu interior.

«[...] vivamos com Deus como um amigo, tornemos viva a nossa fé para em tudo comungar com Ele – é assim que se fazem os santos. Trazemos em nós o nosso Céu, pois Aquele que sacia os glorificados na luz da visão dá-se-nos na fé e no mistério [...]».¹⁴

¹³ Ibidem, C 122, p. 408.

¹⁴ Ibidem, C 122, p. 407-408.

Esta vida de intimidade com Deus tem como objectivo a acção transformadora e transformante do Amor. Reconhecer o próprio nada e tudo abandonar na misericórdia de Deus, com a confiança de ser transformado pela graça de Deus até atingir a santidade. Para isso basta o “mergulho no Divino”.

«[...] É preciso entrar sempre mais no Ser divino pelo recolhimento. “Prossigo a minha caminhada”, exclamava São Paulo; assim devemos descer todos os dias nesta senda do Abismo que é Deus; deixemo-nos escorregar por essa vertente numa confiança cheia de amor. “Um abismo clama por outro abismo”. É aí, no mais profundo, que se operará o choque divino, que o abismo do nosso nada, da nossa miséria, se encontrará frente a frente com o Abismo da misericórdia, da imensidade do tudo de Deus. É aí, que havemos de encontrar a força para morrermos para nós mesmos e que, ao perder o nosso próprio rasto, seremos transformados em amor...».¹⁵

Para conseguir isto é necessário o despojamento do “eu”, libertar-se do egoísmo, crescer na humildade, estar atento à vontade de Deus e deixar o Amor agir.

«Mas para chegar a este amor, a alma deve, primeiramente, entregar-se totalmente, a sua vontade deve estar docemente perdida na de Deus, de modo que as suas inclinações e as faculdades já não se movam senão neste amor e por causa deste amor».¹⁶

Isabel conseguiu este equilíbrio rezando. A oração para ela é porta da intimidade com Deus, o tempo de amor, em que ela ama e se deixa amar. Tempo de liberdade e libertação, tempo de purificação interior, de súplica, intercessão, mas também de adoração.

«Mestre, que a minha vida seja uma contínua oração. Que nada, realmente nada, me possa distrair de Ti, nem as minhas ocupações, nem os prazeres, nem o sofrimento. Que eu me abisme em Ti, que tudo faça sob o Teu olhar. Mestre, toma-me, toma-me inteiramente».¹⁷

¹⁵ Ibidem, CF 4, p. 100-101.

¹⁶ Ibidem, CF 16, p. 107.

¹⁷ Ibidem, D 156, p. 888-889.

A oração exige o silêncio, a interioridade, o voltarmos-nos para o nosso interior, para aí descobrir o Hóspede Divino que nos habita. Esta exigência de silêncio não implica necessariamente uma ruptura com o exterior e o bulício da vida. São necessários tempos e momentos de silêncio e solidão, mas este silêncio interior que a oração contínua exige, pode ser conseguido no meio do “barulho” exterior.

«É preciso que edifiques, como eu, uma celazinha no interior da tua alma; pensarás que o Santo Deus está lá e aí entrarás de tempos a tempos [...] refugia-te lá e confia tudo isso ao Mestre. Ah, se tu o conhecesses um pouco, a oração já não te causaria tédio; parece-me que é um repouso, um alívio: chega-se muito simplesmente ao pé d’Aquele que se ama, e está-se junto d’Ele como uma criancinha nos braços da sua mãe, e entregue de coração».¹⁸

A vida contemplativa de Isabel é muito simples. A oração é para ela uma necessidade e uma exigência para ser fiel à vontade de Deus.

Como jovem leiga, enquanto esperava o dia da realização da sua vocação monástica no Carmelo, Isabel, desenvolveu uma peculiar vida contemplativa, secularizada, reduzida ao essencial. Sem mosteiro, sem cela, sem hábito religioso, embarcou no entanto nos altos voos da contemplação. Deste modo, a sua espiritualidade é acessível a todos os leigos e muito actual para o mundo faminto de hoje. O importante é a fé na presença de Deus tal como Jesus revelou, a escuta da Sua Palavra na Sagrada Escritura e o alimento da Eucaristia.

A profunda e rica vida interior de Isabel conduzem-na à experiência trinitária que é uma marca da sua espiritualidade.

«A Trindade, eis a nossa morada, o nosso “lar”, a casa paterna donde nunca devemos sair».¹⁹

O mistério da inabitação da Santíssima Trindade na alma é o centro da sua doutrina e da sua vida. Ela recebeu uma graça muito especial para compreender e viver este mistério, e desde o céu tem como missão conduzir as almas ao interior de si mesmas para elas mesmas fazerem esta experiência.

¹⁸ Ibidem, C 123, p. p. 409.

¹⁹ Ibidem, CF 2, p. 99.

«Mergulhemo-nos nessa Trindade Santa, nesse Deus todo amor; deixemo-nos transportar para aquelas regiões onde não há senão Ele, só Ele!».²⁰

O nome – Maria Isabel da Trindade – que lhe foi dado quando entrou no Carmelo é muito significativo e encerra em si a vocação da jovem carmelita: Isabel que mergulha e desaparece no mistério da Santíssima Trindade.

«Ainda não lhe disse como me chamarei no Carmelo! Maria Isabel da Trindade. Parece-me que este nome encerra em si uma vocação especial. É um nome muito bonito, não é? Amo tanto esse mistério da Santíssima Trindade... É um abismo onde desapareço».²¹

Em S. Paulo, Isabel alimentou as suas descobertas e foi mais longe: ao ler Ef. 1, 12 descobriu a plena realização da sua vocação e que estava intimamente ligada ao seu nome: ser *Louvor de Glória da Santíssima Trindade*.

A vida contemplativa, o Carmelo, levaram-na a ser este *Louvor de Glória* em adoração contínua dos «Três».

E para Isabel um *Louvor de Glória* é:

«[...] uma alma que mora em Deus, que o ama de um puro e desinteressado amor, sem se buscar na doçura desse amor; que O ama acima de todos os seus dons, ainda que nada d'Ele tivesse recebido, e que deseja bem ao Objecto assim amado. [...] é uma alma que olha Deus, na fé e na simplicidade; é um espelho de tudo o que Ele é; como um abismo sem fundo, no qual Ele pode verter-se e expandir-se».²²

Fazer a experiência de ser um *Louvor de Glória*, é viver antecipadamente a vida da eternidade, em que continuamente adoraremos a Deus.

«No céu da sua alma o louvor de glória começa já o seu ofício de eternidade. O cântico é ininterrupto, porque está sob a acção do Espírito Santo que nele tudo opera; e embora nem sempre disso tenha consciência, porque a fraqueza do seu natural não

²⁰ Ibidem, C 58, p. 307.

²¹ Ibidem, C 62, p. 312.

²² Ibidem, CF 43, p. 125-126.

lhe permite fixar-se em Deus sem distrações, canta sempre, e sempre adora, por assim dizer, inteiramente trespassada no louvor e no amor, na paixão da glória do seu Deus. No céu da nossa alma sejamos louvores de glória da Santíssima Trindade, louvores de amor da nossa Mãe Imaculada. Um dia o véu cairá, seremos introduzidas nas ternas moradas, e aí cantaremos no seio do infinito Amor».²³

A oração – *Elevação à Santíssima Trindade* – é uma das orações mais belas da mística cristã e revela a maturidade espiritual de Isabel e a sua vida mística plena de santidade.

Na eternidade, junto de Deus, Isabel continua a ser *Louvor de Glória* e tem como missão ajudar todos quantos dela se aproximam a fazer a mesma experiência.

Como profeta, Isabel grita ao mundo a riqueza que possuímos no nosso interior e a felicidade que encontraremos quando nos dispusermos a viver num colóquio amoroso com Deus que nos habita e nos ama.

«Parece-me que, no Céu, a minha missão será de atrair as almas ajudando-as a saírem de si mesmas para aderirem a Deus por um movimento muito simples e todo feito de amor, e de as guardar nesse grande silêncio do interior que permite a Deus imprimir-se nelas, transformando-as n’Ele mesmo».²⁴

A experiência de Isabel pode ser a nossa própria experiência, facilitada pelo exemplo da sua vida, com a ajuda dos seus escritos e sobretudo com a sua intercessão junto de Deus.

«Ao partir lego-vos esta vocação que foi a minha no seio da Igreja militante, e que doravante, exercerei continuamente na Igreja triunfante: louvor de glória da Santíssima Trindade».²⁵

²³ Ibidem, CF, 44, p. 126-127.

²⁴ Ibidem, C 335, p. 792.

²⁵ Ibidem, DA 5, p. 197.

Conclusão

Beatificada pelo Papa João Paulo II no dia 24 de Novembro de 1984, desde o céu, Isabel prossegue a sua missão: ajudar todos os que dela se aproximam a entrar na intimidade com a Santíssima Trindade e que constituiu o seu “céu na terra”.

A Beata Isabel da Trindade, fiel à tradição orante do Carmelo, tornou-se ela própria uma mestra espiritual, centrada na Palavra de Deus, e profeta da interioridade.

Mergulhada no Divino, viveu cada instante e cada acontecimento da sua vida numa sintonia perfeita com Deus. O trabalho, o lazer, os amigos, a música, os passeios, as belezas da natureza, o silêncio, a alegria e a dor, tudo era motivo para louvar, agradecer, suplicar e contemplar. Oração e vida entrelaçavam-se harmoniosamente na mesma teia.

Antes de ingressar no Carmelo, aos vinte e um anos, tirou uma fotografia para oferecer aos familiares e amigos. Ao enviá-la a um sacerdote amigo da família, ela escreveu: «*Envio-vos a minha fotografia, enquanto a tiravam pensava n’Ele, portanto é a Ele que aqui vos envio*». ²⁶

Um acto simples e banal – tirar uma fotografia – e que no entanto foi divinizado por Isabel. É a mística em acção... É este o desafio para nós: fugirmos da mediocridade e fazer da banalidade da nossa vida momentos divinizados pelo amor divino.

Os santos não nos devem apenas estimular a devoção e o sentimentalismo, mas despertar em nós a vontade de os imitar, pois para isso nos são propostos como modelos.

Isabel da Trindade, a jovem carmelita de Dijon, que procurou em toda a sua vida ser um *Louvor de Glória* da Santíssima Trindade, como

²⁶ Ibidem, C 62, p. 312.

mestra, poderá ajudar-nos a compreender como somos ricos, por sermos habitados pelo Deus Trino.

Não é necessário procurá-Lo longe, basta este movimento interior de nos recolhermos e percebermos a Sua presença em nós e aí O adorarmos.

Quando assim acontecer, então, como Isabel da Trindade, viveremos mergulhados no Divino e a nossa vida não será senão um contínuo *Louvor de Glória* ao nosso Deus.

«À nossa humanidade desorientada que já não sabe encontrar Deus ou que O desfigura, [...] Isabel dá o testemunho de uma abertura perfeita à Palavra de Deus que ela assimilou a ponto de alimentar verdadeiramente a sua reflexão e a sua oração, a ponto de encontrar nela todas as suas razões de viver e de se consagrar ao louvor da sua glória».²⁷

²⁷ Da Homília do Papa João Paulo II por ocasião da beatificação da Ir. Isabel da Trindade.

LER A BÍBLIA NO INÍCIO DO SÉC. XX:

Isabel da Trindade

ARMINDO DOS SANTOS VAZ

Introdução

O público português não tem à sua disposição muito material bibliográfico sobre a testemunha viva do evangelho, que foi Isabel da Trindade, a Irmã Carmelita que viveu vinte e seis anos, só cinco no Carmelo, falecida a 9.11.1906 e beatificada pelo Papa João Paulo II a 25.11.1984. A propósito do primeiro centenário da sua morte, esta nossa reflexão visa familiarizar-nos com ela e com a sua mensagem, situando-a no contexto histórico e religioso do dobrar do século XIX para o século XX. Se interessa à história e à espiritualidade saber como se lia a Bíblia há um século, na medida do possível queremos aprender com Isabel da Trindade a lê-la, atingindo o objectivo que permanece essencial: alimentar a fé e iluminar a vida. Ao descobrirmos o interesse que levou Isabel a marcar encontro assíduo com a Escritura, situamo-nos no âmago da espiritualidade e da experiência desta influente mística do séc. XX enquanto leitora da Bíblia.¹

¹ Cf. Presentación, “Isabel de la Trinidad. Primer centenario de su muerte – 1906-2006”, e “Isabel de la Trinidad. Algunas reflexiones con ocasión de su centenario”, ambos em *Espíritu y vida* 13 (2006) 7-14.

1. A leitura da Bíblia no tempo de Isabel da Trindade

Como no caso de Teresa de Lisieux, a leitura que Isabel fazia da Bíblia era limitada e estava condicionada pelo contexto histórico-religioso da época.² Os estudos bíblicos passavam por uma situação conturbada e conflituosa. Estávamos no fim do séc. XIX e no início do séc. XX. Acompanhando o percurso atribulado de um dos mais prestigiados e conhecidos biblistas da época, apercebemo-nos melhor das dificuldades no estudo e na leitura da Bíblia.

Precisamente na França de Isabel, o estudioso dominicano M.-J. Lagrange, que em 1890 fundou a *École biblique* de Jerusalém (que tanto viria a contribuir para o melhor conhecimento da Bíblia) e em 1892 a prestigiada *Revue biblique*, ao longo de toda a sua carreira nunca gozou de inteira liberdade de investigação, refreado por censores oportunistas e incompetentes no estudo da Bíblia; foi até desaprovado publicamente pelos eclesiásticos romanos. Apesar do rigor e da correcção teológica com que interpretava a palavra bíblica, na fidelidade ao magistério eclesial e na estrita obediência ao superior Geral da Ordem e ao Papa, foi imediatamente contestado e denunciado a Roma como insubmisso, seguidor do espírito racionalista e dos autores alemães protestantes. Foi mesmo reprovado – não condenado – por um decreto da Cúria romana.

Porquê? Porque ele reconhecia que a maneira de narrar dos autores bíblicos pertence a um mundo cultural diferente do ocidental e que a historiografia positivista praticada no séc. XIX não compreendia a maneira de fazer história, própria do Antigo Testamento. No congresso científico internacional católico de Friburgo em 1897 – quando Isabel tinha 17 anos – pôs em causa que o Pentateuco tivesse sido redigido por Moisés, como se defendia tradicionalmente na Igreja católica. Argumentava correctamente, dizendo que o valor religioso da Bíblia não assenta na autenticidade literária dos escritos que a

² Cf. C. de MEESTER, “Teresa de Lisieux ed Elisabetta di Digione”, *Quaderni carmelitani* 21 (2004) 31-64.

compõem (Moisés, David, Salomão, Isaías...) mas na inspiração divina dos escritores. A garantia divina refere-se à história salvífica apresentada pela palavra de Deus bíblica e não à historicidade dos relatos bíblicos, que deveria ser regida por outros critérios de leitura.

Por outro lado, em 1902 Lagrange fez em Toulouse seis conferências, lamentando a interpretação que os católicos continuavam a fazer da Bíblia ao entenderem os seus textos à letra e ao pensarem que eles relatavam a história autêntica da raça humana desde as suas origens. Lagrange contrapunha que o que na Bíblia tem a aparência de história não é necessariamente história propriamente dita; e que os primeiros capítulos do Génesis não constituem uma história objectiva da humanidade.

Hoje tudo isto é evidente. Mas então poucos católicos estavam prontos a compreender e a adoptar estes princípios orientadores. Porque percebeu que os resultados do seu estudo do Antigo Testamento enfrentavam a incompreensão das autoridades romanas, Lagrange virou-se para o Novo Testamento. Mas nem aí escapou à reprovação. Porque no comentário ao evangelho de S. Marcos atribuía ao evangelista «a independência de um autor» e não o considerava como simples relator de factos acontecidos à letra, foi reprovado por um decreto da «Consistorial» também por comprometer o valor histórico do relato evangélico. O que fosse para além de uma interpretação da Sagrada Escritura à letra estava sujeito à censura.

No domínio da Sagrada Escritura como no da história eclesiástica, uma nova vaga de fundamentalismo popular estava a causar estragos também no clero, em geral pouco esclarecido. Recusava-se ingenuamente a crítica histórica aplicada ao domínio religioso. Quando a comunicação do congresso de Friburgo saiu publicada na *Revue biblique* em Janeiro de 1898 com o título «As fontes do Pentateuco», reacendeu as hostilidades. O patriarca de Jerusalém denunciou Lagrange ao cardeal Prefeito da *Propaganda Fide*, que considerava a Escola Bíblica de Jerusalém um “ninho de heresias”. O cardeal passou o «assunto Lagrange» ao Santo Ofício. Lagrange corria o risco de ser punido com graves sanções. Chegou a conquistar a simpatia de Leão XIII, que tinha para ele projectos muito positivos para os estudos bíblicos. Todavia, a morte do Papa e a eleição de Pio X em 1903 – quando restavam a Isabel três anos de vida – abriram um período de suspeição e de repressão, das quais Lagrange

sofrerá os reflexos. Era o tempo de luta contra o movimento do Modernismo, suspeito de sacrificar a fé cristã à cultura moderna sob pretexto de as harmonizar.³ Particularmente os escritos de A. Loisy ameaçavam o catolicismo com uma virulenta heresia.⁴

Se esses tempos de Isabel eram difíceis para o estudo da Bíblia, não eram mais propícios para a sua leitura no povo de Deus. O desagradável desacordo entre o ensino comum da Igreja e as conclusões dos estudiosos da Bíblia teve consequências deploráveis entre as pessoas cultas e entre as humildes. Apesar de a encíclica de Leão XIII, *Providentissimus Deus*, em 1893, ter exortado os fiéis à leitura da Bíblia, o ambiente religioso não era favorável a essa alimentação espiritual. Manejar uma Bíblia integral era um acto suspeito na religiosidade de então, embebida de jansenismo, que até interditava a leitura de passagens bíblicas consideradas «indecentes».

Em regra, os católicos de então não contactavam directamente com a Bíblia. Poucos a teriam visto completa. Alguns folheavam o Novo Testamento. Os mais despertados para o religioso liam as narrativas bíblicas mais célebres, reunidas sob a forma de «História Sagrada». Obviamente, eram entendidas quase à letra, deixando muitas dúvidas à fé, debilmente fundamentada. Mesmo os eclesiásticos liam muito pouco a Bíblia. Nos Seminários não se via circular entre os professores. Aliás, careciam de preparação crítica e de bases hermenêuticas para uma leitura mais frutuosa. Uma prova de que não a entendiam bem está na dissuasão aos fiéis da leitura do Antigo Testamento, sob pretexto de que conteria maus exemplos. O espírito jansenista, que tinha conquistado grandes massas de católicos arrebatados, acabou por tornar a palavra de Deus privilégio exclusivo duma elite intelectual restrita.

Se não se lia directamente, tampouco se aspirava indirectamente. Grande parte dos confessores e dos pregadores do tempo de Isabel estava imbuída de jansenismo, um dos sistemas teológicos mais

³ Cf. B. MONTAGNES, *Le père Lagrange (1855-1938)*. L'exégèse catholique dans la crise moderniste (Cerf; Paris 1995) especialmente pp. 77-143; J. GUITTON, *Portrait du père Lagrange*. Celui qui a réconcilié la science et la foi (Robert Laffont; Paris 1992) especialmente pp. 48-126.

⁴ Veja-se o ambiente intelectual francês à volta do 'modernista' Loisy, as suas tribulações, o isolamento de pessoa "a evitar", etc., em E. GOICHOT, *Alfred Loisy et ses amis* (Cerf; Paris 2002) 27-163.

sinuosos e mais influentes na vida da Igreja e na espiritualidade desde o séc. XVII até ao Concílio Vaticano II. Os longos sermões pregavam a gravidade do pecado, especialmente contra a castidade (o que mais almas levaria ao inferno), os castigos divinos, o juízo final e a possível condenação ao inferno, um extremado rigor ascético, o valor relativo do mundo, a necessidade da penitência corporal para «expiar» o pecado e ganhar méritos com as boas obras. Esta visão pessimista do ser humano e do mundo era típica do jansenismo, que não da Bíblia. A soberania de Deus proclamada suscitava mais temor e terror do que amor, porque a imagem de Deus mostrada era mais a de juiz do que a de Pai. Quão longe estivesse este moralismo da espiritualidade bíblica testemunha-o a própria Isabel nos apontamentos que tirou dos sermões que ouvia, em particular da «missão» pregada em 1899. Dela transcreve para o seu «Diário» o tema ‘O juízo’:

Oh! Se a morte é horrível porque nos parte em dois, isso seria coisa pouco importante se tudo acabasse aí. Mas há que apresentar-se diante de Deus, prestar-lhe contas de toda a vida, e desta vez não em função de pai do filho pródigo, tão bom e tão misericordioso, nem tampouco de Bom Pastor, mas de juiz terrível e inexorável, que não perdoa mais.⁵

Em conexão com estas ideias do jansenismo estava a proposta aos fiéis de se oferecerem como vítimas ao amor misericordioso em *reparação* pelos pecados do mundo e de praticarem boas acções para consolar Jesus sofredor por causa da humanidade pecadora ⁶.

Em contraste com todo este ambiente tão desfavorável à leitura da Bíblia, Isabel, a viver nesse clima, cultivou-a de maneira primorosa. Até admira o domínio que tem da Escritura, especialmente do Novo Testamento.⁷ Como foi isso possível? Uma resposta evasiva poderia sacudir a questão incómoda, dizendo: no deserto ou num campo devastado pode nascer uma flor! No terreno, porém, a tarefa não se terá afigurado tão simples. A viva comunhão com Deus e a sedenta procura

⁵ «Diário», 51.

⁶ Cf. M.P. ALONSO FERNÁNDEZ, “Isabel de la Trinidad: «Como si viera al Invisible»”, e D. de PABLO MAROTO, “Introducción a las fuentes doctrinales de sor Isabel de la Trinidad”, ambos em *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 239-242 e 202-210 respectivamente.

⁷ Cf. R. GIRARDELLO, “B. Elisabetta della Trinità”, *In principio la parola – Scrittura e sviluppo spirituale* (Fiamma viva 33; Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum; Roma 1992) 152-154.

de explicação e de intensificação da mesma dão mais realisticamente conta do fenómeno. De qualquer modo, Isabel teve de procurar fugir ao ambiente jansenista e moralizante que poluía o ar evangélico. No seu tempo, o chamado «movimento bíblico» ainda não se tinha desenvolvido; só atingiria o seu ponto culminante no pontificado de Pio XII, que gerou a expectativa do Vaticano II, o concílio ecuménico que viria a estabelecer as condições para o regresso da Bíblia ao povo de Deus, depois do longo «desterro da Palavra».

2. Como é que Isabel da Trindade lia a Bíblia?

Antes de ler a Bíblia, Isabel já a vivia. Era um fenómeno normal na vivência da fé cristã, que remontava, em definitivo, às fontes bíblicas. Era assim especialmente na apresentação que a Igreja fazia do Mestre Jesus Cristo e dos grandes temas da doutrina cristã. Foi precisamente o amor a Jesus que levou Isabel a ler o Novo Testamento, eco primeiro da revelação plena e fonte mais pura para os que desejassem beber da sua mensagem.

Mas, como Teresa de Lisieux, Isabel não lia a Bíblia directamente. Tinha acesso a ela por meio do *Manual do cristão*, volume de umas 1500 páginas, que incluía essencialmente o Novo Testamento, os Salmos e a Imitação de Cristo. Do Antigo Testamento, Isabel só conhecia as grandes linhas pela catequese, pela liturgia e por meio de citações tiradas mais ou menos casualmente das suas leituras; obviamente rezava os salmos no Ofício divino, em latim, pouco inteligível nos seus matizes. Mesmo assim, das cerca de 1117 citações explícitas e implícitas que ela faz da Bíblia, 228 são do Antigo Testamento. Do Novo Testamento cita umas 889 passagens.⁸ A grande variedade na escolha de citações ou referências bíblicas supõe o conhecimento e uma meditação do conjunto da palavra de Deus e não uma leitura selectiva. Ela domina o Novo

⁸ Esta é a contagem pessoal de D. de PABLO MAROTO, “Introducción a las fuentes doctrinales de sor Isabel de la Trinidad”, *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 214-215. Mas veja também P.-M. FÉVOTTE, *Aimer la Bible avec Élisabeth de la Trinité* (Épiphanie Carmel; Cerf; Paris 1991) 42-47; e outro cômputo em G. FERRARO, “Lo Spirito, il Padre e il Figlio nell’uso dei testi biblici pneumatologici e nel pensiero della Beata Elisabetta della Trinità”, *Teresianum* 57 (2006/1) 150.

Testamento e deixa-o transbordar nos seus escritos, em consonância com as grandes perspectivas da sua visão contemplativa.

De resto, várias vezes ao dia, a liturgia reunia as religiosas para as engolfar na espiritualidade dos salmos e no mistério de Jesus Cristo. E as Carmelitas de Dijon dedicavam habitualmente dez minutos ao dia à leitura pessoal do Novo Testamento. Colocavam-se na linha traçada pelas grandes figuras do Carmelo, Teresa de Jesus e João da Cruz, bem como Teresa do Menino Jesus.

Como esta, Isabel não dispunha de grandes meios para a leitura da Bíblia. Restava-lhe o encontro imediato entre o texto inspirado e o coração movido pelo amor..., como aconteceu a tantos ouvintes de Jesus e acontece a tantos leitores cristãos da Bíblia hoje. Para sorte deles e de Isabel, o evangelho de Jesus *diz-se* numa arte narrativa de palavras simples e imagens imediatamente comunicativas. Isso era suficiente para ela se deixar impressionar e impregnar por essa palavra transmitida e vivida em estafeta por gerações de seguidores de Jesus. Isso era suficiente para ela se deixar fascinar pelo “mistério” do Cristo que Paulo pintava ao vivo nas suas cartas apostólicas.⁹

Tão penetrante e *meditativa* era essa sua *leitura* do Novo Testamento que se convertia espontaneamente em leitura *orante*. Se temos em conta que essa leitura também transportava continuamente Isabel para a profunda *contemplação* do mistério do Deus relacional, verificamos que ela estava afinal em sintonia com o dinamismo interior do método da *lectio divina*, característico da leitura da Sagrada Escritura pelos monges da Idade Média. Como eles, Isabel, ao ler a Bíblia, punha-se toda à escuta da Palavra que alargava os horizontes da sua existência. O seu coração entrava em oração e a memória conservava o que lia, para ir meditando em “comunhão com Deus de manhã à noite e da noite ao amanhecer”.¹⁰ Como lhe pedia a Regra carmelitana, Isabel “permanecia na sua cela, meditando dia e noite na lei do Senhor”.¹¹

⁹ Cf. C. de MEESTER, na Apresentação de P.-M. FÉVOTTE, *Aimer la Bible avec Élisabeth de la Trinité* (Épiphanie Carmel; Cerf; Paris 1991) 9-14.

¹⁰ Carta 123: ISABEL DA TRINDADE, *Escritos espirituais* (Grandes textos de espiritualidade 3; Edições Carmelo; Oeiras 1989) 165. As citações de Isabel da Trindade serão feitas a partir desta edição, mesmo quando não referimos a página respectiva.

¹¹ Cf. A. ÁLVAREZ-SUÁREZ, “El dato bíblico en la «Regla» del Carmelo Teresiano”, *Teresianum* 57 (2006/2) 457-500.

Os peritos medievalistas explicam que no tempo em que a Regra carmelitana foi escrita e dada pelo patriarca de Jerusalém, S. Alberto, em 1209, *meditar* com um texto da *página sagrada* significava “ler com todo o ser”: saborear com os lábios, escutar obedientemente com os ouvidos, reter zelosamente com a memória, amar com o coração, compreender com a inteligência, decidir com a vontade pôr em prática o compreendido. Era um exercício de *memória total*. Isabel – como os santos florescidos no jardim do Carmelo – ‘respirou’ a palavra de Deus segundo o método da *memória total*, com variantes de acento e de modulações ligadas ao ambiente, à época, aos instrumentos interpretativos de que dispunha, à missão eclesial que sentia ter-lhe sido encomendada por Deus.

O teólogo H. de Lubac, depois feito cardeal, ao fim da sua obra monumental *Exégèse médiévale*, diz que à “exegese beneditina”, que alimentou toda a Idade Média, seguiu uma verdadeira renovação da interpretação da Bíblia graças à “exegese carmelitana”, da qual a obra de S. João da Cruz seria um dos primeiros e luminosos exemplos. E H. de Lubac conclui que essa exegese, típica da «via mística», se caracteriza por “um olhar sintético extraordinariamente potente, que aparece como o privilégio essencial dos santos na presença da Bíblia”.¹²

A obra escrita de Isabel da Trindade tem muito disso. Ela não se preocupava por fazer exegese crítica e objectiva dos textos bíblicos segundo as normas dos diversos métodos exegéticos. Nem tinha preparação teológica para tal. Mas a sua contemplação adoradora da Palavra enquanto revelada, sustentada pelo «sentido de Deus» que ela sempre cultivou, dava-lhe a categoria especial de uma intérprete competente do «sentido espiritual» do texto bíblico, educada no magistério dos leitores místicos da Escritura. Intuíva o sentido da verdade bíblica por sintonia afectiva, por empatia espiritual, em linha com a grande Tradição da Igreja, dos Padres e dos espiritualistas medievais. Entendia cada passagem segundo o sentido que descobria ao lê-la na vida e na leitura tradicional da Igreja de então.¹³ Lia S. Paulo e S. João enquanto contemplativa, procurando neles luz para a vida da sua alma.

¹² Citado por A. LANFRANCHI, “«Die ac nocte in lege Domini meditantes». Elisabetta della Trinità, contemplativa della Parola di Dio”, *Quaderni carmelitani* 22 (2005) 23, nota.

¹³ Cf. G. FERRARO, “Lo Spirito, il Padre e il Figlio nell’uso dei testi biblici pneumatologici e nel pensiero della Beata Elisabetta della Trinità”, *Teresianum* 57 (2006/2) 501-542.

Retinha de cor passagens bíblicas que ressoavam na sua alma até as usar no momento oportuno para confirmar uma experiência vivida ou para exprimir o próprio pensamento. Às vezes recorria aos textos bíblicos em busca de palavras e categorias teológicas para descrever e legitimar o que experimentava em si própria. Mas a experiência de Deus aguçava-lhe a melhor compreensão dos textos bíblicos. Outras vezes, a leitura bíblica suscitava uma experiência religiosa, logo transformada em doutrina.¹⁴

Era um uso da Bíblia em constante ritmo circular, como um círculo hermenêutico: da Escritura para a sua vida e da sua experiência para a revelação bíblica. O amor à pessoa de Jesus levava-a ao Novo Testamento. Mas a leitura do texto sagrado com os olhos da fé aumentava ainda o conhecimento do próprio Jesus: de Jesus ao evangelho e do evangelho de novo a Jesus. A leitura procurava a mensagem e a mensagem era o Cristo sempre vivo. Podemos dizer que o amor à pessoa de Jesus deu a Isabel uma empatia e simpatia para com a palavra de Deus escrita, para sondar e saborear os seus tesouros espirituais, particularmente as ricas páginas de Paulo.

Recorria frequentemente aos textos do apóstolo para apoiar nele os movimentos da sua alma contemplativa; e mais de uma vez nas suas cartas ou nos dois retiros lhe aconteceu citar dele longas passagens por inteiro, a tal ponto o seu pensamento se tinha identificado com o do santo.¹⁵

A palavra inspirada prevalecia de tal maneira que se tornava a «medida» ou «regra da verdade» de tudo o que ela dizia, segundo a expressão de S. Francisco de Sales: “quando uso as palavras da Escritura, não é sempre para explicá-las, mas para explicar-me a mim através delas”.¹⁶

A sua leitura, prolongada e aprofundada na oração contemplativa do mistério de Deus, era acima de tudo uma actualização do texto sagrado, entendendo-o como uma realidade viva, dirigida e aplicada agora, frequentemente em jeito de acomodação, a toda a sua pessoa: à

¹⁴ Cf. D. de PABLO MAROTO, “Introducción a las fuentes doctrinales de sor Isabel de la Trinidad”, *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 215-216.

¹⁵ M.M. PHILIPON, *La dottrina spirituale di suor Elisabetta della Trinità* (Brescia 1945) 168.

¹⁶ Citado por A. LANFRANCHI, “«Die ac nocte in lege Domini meditantes». Elisabetta della Trinità, contemplativa della Parola di Dio”, *Quaderni carmelitani* 22 (2005) 22; cf. pp. 21-28.

sua inteligência, à sua imaginação, à sua sensibilidade. Por exemplo, escrevendo ao P. Vallée, pede-lhe a oração

para que suba o meu calvário como esposa do Crucificado. «Aqueles que Deus conheceu na sua presciência também os predestinou para serem conformes à imagem do seu divino Filho» [Rm 8,29]. Oh! Como amo este pensamento do grande S. Paulo! É um descanso para a minha alma. Penso que, no seu tão grande amor, Ele me conheceu, chamou e justificou e, esperando que Ele me glorifique, quero ser o incessante louvor da sua glória.¹⁷

Esta leitura pessoal da Bíblia é o aspecto mais marcante da sua escuta da palavra de Deus. Por vezes, reformulava e reinterpretava a Palavra, incarnando-a em si, fazendo-a sua. Poderíamos dizer que Isabel pensava com a palavra de Deus: esta tornava-se palavra sua e a sua palavra nascia da palavra de Deus.

Com o exercício da *memória total*, as palavras e imagens da Escritura imprimiam-se de tal maneira na sua pessoa que pouco a pouco substituíam expressões profanas e constituíam uma nova linguagem. A Bíblia tornou-se pouco a pouco a sua linguagem, instrumento da manifestação da própria vida interior em comunhão com o Espírito de Jesus. Falava com as palavras da Escritura, convertida em substância do seu ser, mais do que da sua cultura. Quando ela fazia ecoar o texto sagrado nos seus escritos, já ele tinha passado muitas vezes pelo filtro do seu coração, meditado, rezado, saboreado; já ele se tinha incorporado nela e já ela se tinha identificado com ele, numa verdadeira *lectio divina*:

Tomava nas minhas mãos as epístolas de S. Paulo, cuja leitura me confortava sempre, embora em tais momentos só a fé me sustentasse. Lia e relia algumas passagens, para mim particularmente atractivas, pedia ao meu doce Jesus que me conduzisse a pastos nutrientes e, ruminando o que em tais passagens tinha encontrado, acabava por triunfar de tudo.¹⁸

Por isso, espontaneamente o seu pensamento comungava do pensamento de Deus e a sua vontade era um querer juntamente com Deus.¹⁹ No seu pensamento há uma tal dependência da palavra de Deus

¹⁷ Carta 304.

¹⁸ «Recordações», 11,9-10.

¹⁹ Paráfrase do final da encíclica *Deus charitas est*, de BENTO XVI.

que algumas cartas não são mais do que uma cadeia de citações da Escritura, encostadas umas às outras. O tratado espiritual «O céu na fé» ou «O céu na terra» é um colar de pedras preciosas, feito com textos bíblicos, encadeados no fio de ouro da própria vida de Isabel em união com Deus e para «louvor da glória» d'Ele.²⁰ Como reflexo do seu amor pela Escritura, encabeçava as Poesias e várias das últimas cartas com citações bíblicas. Não citava a Escritura só como autoridade, muito menos como embelezamento literário do que escrevia: a Escritura impulsionava-a a uma relação mais bondosa com os demais.

A sua breve existência pode-se ver como uma resposta inspirada e aspirada na «Palavra» bíblica. É o que Isabel traduz admiravelmente em oração: “Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-vos..., a fim de tudo aprender de vós”.²¹ O importante nela não são os conhecimentos que mostra ter da Bíblia, mas a grande capacidade de escuta e de penetração do sentido, que lhe permitia apanhar e desenvolver algumas ideias-força que cristalizam à volta de alguns textos referidos com particular insistência. Assim exprime H.U. von Balthasar a disposição crente da escuta, por parte de Isabel, perante a «Palavra»:

Cada palavra da Escritura parece subjugar-lá, superar as suas expectativas, prostrá-la num silêncio adorador; em cada uma reconhece Deus, para cada uma manifesta o mesmo respeito que tem pelo Filho de Deus... Todo o seu pensamento permaneceu, mais ainda, tornou-se cada vez mais pensamento bíblico... Ela exprime-se muito melhor quando veste o hábito da palavra bíblica.²²

Este teólogo pensava que a mensagem de Isabel é ainda mais forte do que a de Teresa de Lisieux, porque em Isabel “a contemplação da fé se alargava até alcançar a plena dimensão bíblica”. “Teresa deseja, na própria vida, transformar a Escritura... em carne e em sangue seu... Isabel, ao contrário, deixa que toda a sua existência se

²⁰ Cf. Introdução ao tratado, feita por C. de MEESTER: em ISABEL DA TRINDADE, *Escritos espirituais* (Grandes textos de espiritualidade 3; Edições Carmelo; Oeiras 1989) 8-13.

²¹ «Notas íntimas», 15.

²² Em *Sorelle nello Spirito*: Teresa di Lisieux e Elisabetta di Digione (Teologia; Milano 1974) 344-345.311. Cf. F. GUILLÉN PRECKLER, “Balthasar y la «misión espiritual» de Isabel de la Trinidad”, *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 541-548.

dissolva na verdade do evangelho”.²³ É uma alma enamorada da Palavra, tocada e possuída por ela.

3. A espiritualidade bíblica de Isabel da Trindade

A espiritualidade de Isabel sofreu influência de autores do tempo. Mas, essencialmente e de modo determinante, foi influenciada pela Bíblia: é contemplação bíblica, ressonância da experiência pessoal, expressa em termos bíblicos. Isabel filtra sobretudo os grandes temas dos seus autores favoritos, Paulo e João, temas como: cada um de nós não está vazio, desde o baptismo é habitado por Deus Trino, somos ricos porque temos o amor de Deus em nós, a tarefa de realizar a liturgia celeste na terra, no céu da própria alma, cumprindo o ofício de louvor da glória de Deus. É à volta deles que se organizam os textos bíblicos por ela citados.²⁴ Por falta de espaço para mais, concentramo-nos em dois temas.

3.1. “Deus em mim”: Somos morada de Deus

É o tema central, porventura o mais conhecido, da espiritualidade de Isabel da Trindade.²⁵ Para a sua fé, é indiscutível que Deus habita em nós, como assegura a exclamação que estampa o seu itinerário espiritual desde a entrada no Carmelo: “Deus em mim, eu n’Ele: é a minha vida!”.²⁶ Ela transformou esta verdade em realidade vivida que influenciou o seu modo de ser e agir. Compreendeu que o acto do Deus que habita no íntimo do baptizado se chama amor. Consequentemente, sentiu-se impelida a responder amando-O.²⁷

²³ Ibidem, p. 10. Veja também A. SICARI, “La missione di Elisabetta della Trinità”, *Quaderni carmelitani* 21 (2004) 7-8.

²⁴ Veja organização dos mesmos em P.-M. FÉVOTTE, *Aimer la Bible avec Élisabeth de la Trinité* (Épiphanie Carmel; Cerf; Paris 1991) 49-137.

²⁵ Cf. C. de MEESTER, “Quién habita en mí? La gran pregunta de Isabel de la Trinidad”, *Orar* 182-183 (2006) todo o número.

²⁶ Carta 62.

²⁷ Cf. CARMELITAS DESCALZAS DE BANÍ, “Semblanza de Isabel de la Trinidad”, *Espíritu y vida* 13 (2006) 21-24.

As leituras do seu “querido S. Paulo” iluminavam bem e ajudavam a aprofundar essa realidade de fé:

“Já não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20) é citado 13 vezes.

“Que Cristo habite pela fé em vossos corações, para que estejais enraizados e alicerçados no amor” (Ef 3,17), citado 15 vezes.

“O templo de Deus é sagrado e vós sois esse templo” (1Cor 3,17), citado 3 vezes.

“Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que recebestes de Deus?” (1Cor 6,19), citado 2 vezes.

Às vezes não encontra melhores palavras que as do apóstolo. Nas releituras espirituais que ela faz dessas frases ao longo da sua vida manifesta uma evolução nítida. O movimento vai do desejo de viver com Deus presente em si para a interiorização e para a apropriação de uma frase, com Isabel como sujeito, por exemplo: “Já não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim”.

Os comentários dela a este versículo giram à volta de dois pólos: a doação de si própria pela ascese e a influência de Cristo pela graça. A ascese, esse trabalho enérgico que combate as tendências para o mal e orienta a pessoa para a prática das virtudes, é insuficiente. É a graça que liberta a alma do mal, pondo-a por cima dele. O amor não só abre o caminho estreito para a liberdade interior, mas também salva por superabundância de bem.²⁸

Numa carta a uma sua amiga diz:

Vou dar-lhe o meu «segredo»: pense neste Deus que a habita e de quem é o templo; é S. Paulo quem assim fala, podemos acreditá-lo. Pouco a pouco a alma habitua-se a viver na sua doce companhia, começa a compreender que traz em si um pequeno Céu em que o Deus de amor fixou a sua morada.²⁹

²⁸ Cf. A. SICARI, *Isabel de la Trinidad*. Una existencia teológica (Ed. de Espiritualidad; Madrid 2006) 149-164.

²⁹ Carta 249. Veja igual ideia nas Cartas 273, 175 e 239. Cf. A. ARBORELIUS, “La Chiesa, mistero di comunione e di amicizia, in Elisabetta della Trinità”, *Quaderni carmelitani* 22 (2005) 42-52.

Com isso, a carmelita de Dijon chamava a atenção da gente para a grandeza do ser humano enquanto imagem de Deus e para a sua riqueza interior.³⁰ Escrevendo a uma amiga, num verdadeiro tratado de vida espiritual, convida-a a meditar:

Esta doutrina de morrer para si mesmo..., apesar de parecer tão austera, é duma suavidade deliciosa, quando se olha para o termo desta morte, que é a vida em Deus... É o que S. Paulo queria dizer quando escrevia: «Despojai-vos do homem velho e revesti-vos do novo, segundo a imagem d'Aquele que o criou». Esta imagem é o próprio Deus; lembrai-te daquela vontade que exprime tão formalmente no dia da criação: « façamos o homem à nossa imagem e semelhança »? Oh, vê tu, se pensássemos mais nas origens da nossa alma!... São Pedro escreve «que fomos feitos participantes da natureza divina» e São Paulo recomenda que «conservemos até ao fim este princípio do seu ser que Ele nos deu».³¹

Como tais afirmações são ousadas, Isabel apoia-se sempre na autoridade da palavra de Deus, referindo frequentemente o autor: “como diz S. Paulo”, “é ainda S. Paulo quem me instrui...”.³²

Além de Paulo, Isabel afinou a sua espiritualidade e inflamou o seu fervor com a leitura de S. João. Deleita-se a citar amiúde o mandamento de Jesus em João 15,4: “permanecei em mim como eu permaneço em vós”.

«Permanecei em mim». É o próprio Verbo de Deus que dá esta ordem e exprime esta vontade. Morai em mim, não por alguns instantes, algumas horas que têm de passar, mas «morai...» de modo permanente, habitual. Permanecei em mim, orai em mim, adorai em mim, amai em mim, sofri em mim, trabalhai, agi em mim.³³

Com uma simplicidade que desarma, Isabel ficava presa a essa espiritualidade de S. João:

³⁰ Cf. L. del BURGO, “Isabel de la Trinidad, maestra de espiritualidad”, *Espíritu y vida* 13 (2006) 31-36.

³¹ Refere-se a Hebr 3,14. Em «Grandeza da nossa vocação», 3. Cf. P. SCIADINI, “Isabel de la Trinidad: Profetisa de la Trinidad”, *Paradigmas de santidad en el Carmelo* (Cuadernos carmelitas, 2; Quito 1997) 140-141.

³² «Último retiro», 32.

³³ «O céu na terra», 3.

«Se alguém me ama, guardará a minha palavra e o meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada». Dado que Ele está lá, façamos-lhe companhia, como o amigo àquele que ama!³⁴

A chamada vida mística, ao fim de contas, não é mais do que isto: viver em comunhão com o Deus vivo. É aí que se situa para Isabel o coração da vida cristã.

Ela é assim uma dessas almas nobres, que, na sua corrida existencial e nas leituras companheiras de viagem, vai fazendo a própria síntese, ficando, a um dado momento, só com o evangelho de S. João.³⁵ Graças a S. Paulo e a S. João, Isabel chegou a essa síntese muito rapidamente, quando a doença galopante a foi purificando de tudo o que é acessório. Ficou só com o essencial, atendeu só ao essencial, como quem vai para o deserto.³⁶ No deserto não há lugar para o secundário, para o luxo, para o requinte, para as vaidades. Só dá vontade de olhar para o céu e de pensar e de louvar. Foi o que aconteceu a Isabel: “Oh! Como a terra e as coisas aqui em baixo nada são à vista da eternidade!”³⁷

3.2. *O amor de Deus por nós*

Na sua leitura meditada da Escritura ela foi atraída pela revelação do amor de Deus. Prestou mais atenção ao que sobre ele dizem Paulo e João.

Como contemplativa que era, Isabel deixou-se deslumbrar pelo mistério de amor que a palavra de Deus revela.³⁸ Ela foi direita ao substancial, pondo-se na escola do apóstolo Paulo:

Parece-me que é justamente esta a ciência dos santos. S. Paulo, nas magníficas epístolas, não prega senão este mistério da

³⁴ Carta 184.

³⁵ Cf. C. CASTRO CUBELLS, *Encuentro con la Biblia*. Ecos de un simple oír y ver la Palabra (El libro de bolsillo Cristiandad 42; Cristiandad; Madrid 1977) 170-186.

³⁶ Cf. J. VICENTE RODRÍGUEZ, “Isabel de la Trinidad. *Lo esencial es invisible a los ojos*”, *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 733-737.

³⁷ Final da Carta 273. Cf. R. FORNARA, “Il «faccia a faccia nelle tenebre». L’esperienza del Dio nascosto secondo Elisabetta della Trinità”, *Quaderni carmelitani* 22 (2005) 10-12.

³⁸ Cf. ARDENS, *Mergulho no divino*. Vida e pensamento da Irmã Isabel da Trindade (Retratos do Carmelo 2; Ed. Carmelo; Oeiras 1986) 255-264.

caridade de Cristo. É ainda dele que retiro as palavras para vos dirigir os meus votos: «Que o Pai de N. S. Jesus Cristo vos conceda, segundo as riquezas da sua glória, que sejais fortalecido pelo seu Espírito no homem interior..., que sejais enraizado e fundado na caridade, de modo que possais compreender com todos os santos qual é a sua largura, comprimento, altura e profundidade, e conhecer também a caridade de Jesus Cristo que ultrapassa toda a ciência».³⁹

A prova de que esta passagem da carta aos Efésios 3,14-19 é a luz que brilhou na sua vida está no facto de Isabel voltar mais vezes a esse texto:

Amor chama amor e não peço mais nada ao bom Deus senão esta ciência da caridade da qual fala S. Paulo e da qual o meu coração quereria sondar toda a profundidade.⁴⁰

Ela considera que o amor de Deus para connosco é superabundante. Afina pelo diapasão de Paulo, extasiado perante o “tão grande amor com que Deus, rico em misericórdia, nos amou” (Ef 2,4):

Há um dito de S. Paulo que é como que um resumo da minha vida e que se poderia escrever a cada um dos seus momentos: «Propter nimiam charitatem». Sim, todas estas torrentes de graças, é «porque Ele me amou em excesso».⁴¹

Há cinco anos que sou prisioneira do seu amor; e cada dia compreendo melhor a minha felicidade. Ele amou-nos em demasia.⁴²

Ele amou demasiado a sua pequena Isabel; mas o amor reclama amor e não peço a Deus senão compreender esta «ciência do amor» de que fala S. Paulo e da qual o meu coração quereria sondar toda a profundidade.⁴³

Sei que Deus me amou com excesso de amor até à eternidade.⁴⁴

³⁹ Carta 191, ao abade Chevignard.

⁴⁰ Carta 219: citada por P.-M. FÉVOTTE, *Aimer la Bible avec Élisabeth de la Trinité* (Épiphanie Carmel; Cerf; Paris 1991) 50. Veja também «Poesias» 83 e 89, os tratados espirituais «Céu na terra» 20, «Grandeza da nossa vocação» 11, e «Último retiro» 10 e 34, bem como as Cartas 169, 263, 298, 308, 324 e 332.

⁴¹ Carta 280.

⁴² Carta 303.

⁴³ Carta 219.

⁴⁴ Poesia 122.

Amor “tão grande” que excede qualquer proporção com o amor humano.⁴⁵ Por isso, alguns exegetas traduzem como “o excessivamente grande amor...”.

Esta ideia empenhava Isabel na causa do amor. Vendo a sua vida resumida e agarrada pelo amor com que Deus a amou, interrogava-se:

Compreenderemos alguma vez quanto somos amados?⁴⁶

Até chegou ao ponto de compreender o seu enorme sofrimento como “revelação do tão grande amor de que fala S. Paulo”.⁴⁷ Com essa compreensão, conseguiu mesmo desarmar o escândalo do sofrimento, dando-lhe a volta por cima e convertendo-o na “nossa hora, a hora em que provamos o nosso amor”,⁴⁸ “esta hora pela qual todos devemos passar”.⁴⁹

De facto, o amor é demasiado grande; e neste «demasiado» está incluída uma espécie de dor, conhecida não só por quem ama, mas que é o dardo e o espinho de qualquer felicidade espiritual... O amor demasiado grande não transborda só em relação ao *eu*, à pessoa que dele beneficia. Mesmo um *eu* maior não conseguiria conter este transbordo. Tal prerrogativa é, portanto, inerente ao próprio amor que, confrontado consigo mesmo, aparece demasiado grande; quem se deixar impressionar pela sua maravilha e envolver pelas suas ondas... deveria cair em adoração.⁵⁰

Todas estas referências à Sagrada Escritura “atestam a originalidade de Isabel em relação ao clima religioso da sua época: ao dolorismo ela opõe a confiança, ao temor prefere o amor”.⁵¹ Só o amor enche plenamente o vazio das outras coisas da vida. Quer dizer, só há duas coisas na vida: o amor e o que não é amor, ou o amor e o vazio.

⁴⁵ Isabel ficava fascinada pelo programa de vida que se desprendia da apresentação da fé de Moisés na carta aos Hebreus 11,27: “quando a alma chega a acreditar neste «amor excessivamente grande» que está nela, pode-se dizer como se referia de Moisés: «era inabalável na fé como se tivesse visto o invisível»”. Cf. A. SICARI, *Isabel de la Trinidad*. Una existencia teológica (Ed. de Espiritualidad; Madrid 2006) 165-177: «O amor demasiado grande».

⁴⁶ Carta 191.

⁴⁷ Carta 323b.

⁴⁸ Carta 308.

⁴⁹ Carta 224.

⁵⁰ H.U. von BALTHASAR, *Sorelle nello Spirito*: Teresa di Lisieux e Elisabetta di Digione (Teologia; Milano 1974) 310.

⁵¹ P.-M. FÉVOTTE, *Aimer la Bible avec Élisabeth de la Trinité* (Épiphanie Carmel; Cerf; Paris 1991) 56.

Um versículo que influenciou muito a sua espiritualidade e a sua forma de viver foi este: “o Filho de Deus amou-me e entregou-se por mim” (Gl 2,20). A aproximação dos dois verbos «amar» e «entregar-se», usados por S. Paulo, coincide bem com o que ela compreende como sua missão. Foi por acreditar na força salvífica do amor que ela entrou no Carmelo. Como uma esposa, ela achava que não devia recusar nada a quem a chamava.

Mas também neste ponto sensível da espiritualidade Isabel conduziu contra a mão. De facto, dentro da evolução semântica a que estão sujeitas as palavras, muitos cristãos não são bem conscientes da deturpação a que foi sujeita a palavra *sacrifício*. Renúncia ou privação voluntária de algum bem, direito ou coisa apreciada; sofrimento, custo; tortura, morte..., são termos que aparecem a definir o *sacrifício* nos dicionários. E geralmente, ao falar de *sacrifício* em termos religiosos, associa-se à imolação de animais, como se fazia no Antigo Testamento. Não obstante, nada disso faz parte da sua essência constitutiva, a partir da vida/morte de Jesus.

Realmente, quando Paulo diz que “ele me amou e se entregou por mim”, não liga a morte de Jesus ao ritual sacrificial do Antigo Testamento. Amar uma pessoa e entregar-se por ela não constitui um «sacrifício» em sentido ritual. É um gesto de generosidade, situado no relacionamento existencial entre pessoas, e exprime uma riqueza de vida e experiência humana. Contudo, dar-se “por mim” numa entrega de amor constitui a essência da intenção posta na atitude de Jesus durante toda a sua vida. O seu gesto de oferta, de dom de si pela morte na cruz e de abertura ao dom divino podem considerar-se o «sacrifício» perfeito, na medida em que correspondem à disposição religiosa fundamental de quem no Antigo Testamento oferecia um sacrifício. “Entregar-se por mim” é a afirmação do valor e da eficácia salvífica da morte de Jesus. É a notificação de que, por ela, Deus concede o perdão dos pecados: “sabei, irmãos, que é por meio deste [Jesus] que se vos anuncia o perdão dos pecados e a total justificação que não pudestes obter pela Lei de Moisés” (Act 13,38).

Nesse sentido e só nesse, o amor de Jesus, manifestado com a entrega da sua vida a nosso favor,⁵² é o sacrifício agradável a Deus, que

⁵² Assim é entendida esta afirmação paulina por H. SCHLIER, *Carta a los Efesios* (Biblioteca de estudios bíblicos 71; Sígueme; Salamanca 1991) 304-305.

visa gerar em nós um amor correspondente ao dele, uma entrega e um sacrifício pessoais como os dele. A partir da morte de Jesus, o verdadeiro cristão entra e participa no drama da oferta vivida por Jesus durante a vida e especialmente na cruz; sabe que em Jesus crucificado resplandece a medida infinita do amor do Pai.

Ora, as reacções de Isabel à afirmação paulina “ele amou-me e entregou-se por mim” mostram-na a pensar à sombra da cruz e a querer responder na vida precisamente por meio do *sacrifício*, entendido positivamente, segundo o seu mais genuíno sentido no Novo Testamento:

Sejamos almas *sacrificadas*, isto é, *verdadeiras no nosso amor*: «ele amou-me e entregou-se por mim».⁵³

Peçamos-lhe que nos torne verdadeiros no nosso amor, isto é, que faça de nós seres de *sacrifício*, porque me parece que o sacrifício não é senão o amor posto em acção: «ele amou-me e entregou-se por mim».⁵⁴

Estas exortações acentuam a força de um amor que não se faz de palavras:

Penso que os felizes deste mundo são os que escolheram a cruz para seu quinhão e sua herança, e isso por amor àquele de quem S. Paulo disse: «ele amou-me e entregou-se por mim». Parece-me que toda a doutrina do amor, daquele que é verdadeiro e forte, se encerra nestas palavras.⁵⁵

Que o Espírito Santo, que é o Amor, faça do seu coração um pequeno lar que rejubile as Três Pessoas divinas pelo ardor das suas chamas; mas não esqueça que o amor, para ser *verdadeiro*, deve ser *sacrificado*: «ele amou-me e entregou-se por mim», eis a medida do amor.⁵⁶

E lembrai-vos de que o amor deve desaguar no sacrifício. S. Paulo diz-nos isso falando do Mestre: «ele amou-me e entregou-se por mim».⁵⁷

⁵³ Carta 214.

⁵⁴ Carta 250.

⁵⁵ Carta 252.

⁵⁶ Carta 278.

⁵⁷ Carta 291.

À luz deste pensamento, Isabel medita no amor de Deus e no amor que em resposta nós lhe podemos oferecer. Se Deus se entregou, nós só o poderemos amar entregando-nos. A verdade do nosso amor mede-se pela qualidade do nosso dom. Há considerável equilíbrio na espiritualidade desta jovem carmelita: “O amor não se paga senão com amor”.⁵⁸

Essa mesma percepção encontramos-la na sua leitura da carta aos Hebreus, aonde ela vai buscar o vocabulário sacrificial que usa: reparação, expiação, sacrifício, holocausto, vítima, sofrimento, sangue. O autor recorre a essa linguagem para sugerir que Jesus, com a oferta de toda a sua vida na cruz por amor gratuito ao Pai e aos humanos, levou a cabo perfeitamente aquilo que o sacerdócio e os sacrifícios do Antigo Testamento queriam e estavam chamados a realizar segundo o projecto de Deus, mas não podiam realizar. O “único sacrifício” de Jesus não só era diferente dos da antiga aliança mas também os superava e tornava inúteis, porque ineficazes. O de Jesus era eficaz, porque existencial, pessoal, não simplesmente ritual. Ora, parece que Isabel também captou esta leitura que a carta aos Hebreus sugeria:

Que sublime é a missão de uma Carmelita! Tem que ser mediadora com Jesus Cristo. Tem que ser para Ele como que uma humanidade suplementar em que possa perpetuar a sua vida de reparação, de sacrifícios, de louvor e de adoração.⁵⁹

A frequência com que se encontra a palavra «sacrifício» e a sua qualificação de «verdadeiro» põe em relevo a sua correcta compreensão, despojando-o da carga negativa com que foi revestido ao longo dos séculos cristãos. Isabel percebeu bem que o essencial do sacrifício é o amor e vice-versa. Amar é aceitar chegar a perder para que o outro fique a ganhar. Quem ama deixa de estar por cima, na sua auto-suficiência, e passa a estar ao lado. A linha do amor rompe as hierarquias. Assim, quem ama e quem é amado, ficam os dois a ganhar: cada um encontra-se enriquecido no outro, pelo dom do outro. Todo o amor enriquece aquele que o dá e porque o dá.

⁵⁸ Carta 261.

⁵⁹ Carta 148. Veja também Carta 211. Foi em linha com essa percepção que sentiu a vocação de ser *louvor da glória* de Deus: *laudem gloriae*. Sobre este interessante tema, cf. M.P. HUERTA, “La carta a los Hebreos. Una lectura desde sor Isabel”, *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 77-99.

A contrapartida é que todo o verdadeiro amor tem de saber perder, imolando-se por aquele a quem se dá. Porque amar é inevitavelmente querer o bem do outro e não o próprio, amor e dor são inseparáveis, como víamos acima. Mais tarde ou mais cedo, o verdadeiro amor gera dor e a dor gera mais amor. Foi o que aconteceu em Jesus: por amor entregou-se para libertar os humanos e esta entrega levou-o até à morte (“amou-os até ao fim, até mais não poder”: Jo 13,1). O problema (?) e a beleza/grandeza do amor é que precisa de ser – quer ser – fiel até ao fim.

Nesta confissão da fé de João, Isabel viu a jóia da coroa do amor de Deus, que encontra a sua expressão particular na eucaristia:

«Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim». Parece-me que nada diz mais o amor que está no coração de Deus do que a eucaristia: é a união, a consumação, é Ele em nós, nós n’Ele.⁶⁰

...Amou-os até ao fim, e nunca o seu coração, segundo parece, foi tão transbordante de amor como na hora suprema em que ele passou deste mundo para o Pai. Parece-me que na vossa pequena Isabel acontece algo análogo.⁶¹

Enlevada com as riquezas insondáveis do amor, ela insiste, escrevendo à amiga Francisca «Framboesa»:

É tão bela a verdade, a verdade do amor: «ele amou-me e entregou-se por mim», eis, querida filha, o que é ser *verdadeiro!*⁶²

Este é o verdadeiro amor, porque na lógica do amor está o entregar-se até ao fim:

«Ele amou-me e entregou-se por mim». Aí está o *termo do amor*: dar-se, esgotar-se inteiramente naquele que se ama.⁶³

⁶⁰ Carta 165. Pode encontrar os textos mais significativos de Isabel sobre a sua fé na eucaristia, em forma de florilégio, seguindo as diversas fases do seu amadurecimento espiritual, em F. SILVESTRI, “Itinerario eucaristico della B. Elisabetta della Trinità”, *Quaderni carmelitani* 21 (2004) 81-97. Cf. M. DIEGO SÁNCHEZ, “Víctima viva para su alabanza: La experiencia eucarística de Isabel de la Trinidad”, *Revista de espiritualidad* 65 (2006) 333-350.

⁶¹ Carta 315. Mesma ideia nas Cartas 331 e 333.

⁶² «Grandeza da nossa vocação», 11.

⁶³ Carta 194. Igual afirmação nas Cartas 278 e 291.

Isabel percebeu uma verdade importante da vida: que só o amor salva. E amar e salvar não são duas realidades diferentes: são uma só. O que nós, humanos, precisamos de aprender é a amar. Quando soubermos amar, estaremos salvos, porque seremos abraçados por Deus.

Mas, para isso, ainda seria preciso identificar o amor com Deus. Foi o que fez a Bíblia, com S. João: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Ora, como todos os santos, Isabel captou em profundidade essa identificação de Deus com o amor. Retomando 26 vezes esse versículo, atesta o impacto que ele teve na sua vida. Numa intuição unitária, vê o cristianismo como a revelação suprema da bondade, da misericórdia e do amor de Deus. Deus não é senão amor:

Comecemos o nosso céu já na terra, o nosso céu no amor. Ele próprio é este amor, é S. João que no-lo diz: «Deus charitas est»⁶⁴

Isabel deixou-se seduzir por esta “bela definição do discípulo do amor”.⁶⁵ E não fica na consideração abstracta: vê esse amor de Deus personalizado, beneficiando a pessoa:

Creio que a carmelita bebe toda a sua felicidade a partir desta fonte divina: a fé. Ela crê, como diz S. João, «no amor que Deus teve por ela».⁶⁶

Nós, «nós conhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditámos nele». É esse o grande acto da nossa fé, é o meio de dar ao nosso Deus amor por amor.⁶⁷

Um aspecto desta visão das coisas surge no contexto da referida afirmação de João: “O amor é de Deus; e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece Deus, porque Deus é amor”. Como quem diz: o verdadeiro amor é o manifestado por Deus em Jesus: amor gratuito, pleno, sem medida e sem cálculo, oblativo. O que não se parece a esse amor é um arremedo do amor. E só faz a experiência de Deus – só “conhece Deus” – quem sabe o que é o verdadeiro amor, “porque Deus é amor”. Quando Ele incarnou em Jesus, os humanos viram o Amor em pessoa, contemplaram-no, ouviram-no, tocaram-no. Se o abraçarem

⁶⁴ Carta 194. Volta à mesma ideia na Carta 257.

⁶⁵ Carta 223.

⁶⁶ Carta 236.

⁶⁷ «O céu na terra», 20.

com todas as consequências, estão salvos. É que esse Amor que é Deus e esse Deus que é amor é força purificadora e redentora: consagra o que toca.

Daí que Isabel insista: «acredita sempre no amor». E menciona os frutos do amor:

Para cumprir dignamente o meu ofício de *Laudem gloriae*, devo manter-me em tudo «na presença de Deus»; e mais do que isso: o apóstolo diz «in charitate», quer dizer, em Deus, «Deus charitas est»; e é o contacto do Ser divino que me tornará «imaculada e santa» a seus olhos.⁶⁸

Permaneçamos no seu amor. Que Ele virginize, que Ele imprima em nós a sua divina beleza e que, todas cheias d'Ele, possamos dá-Lo às almas.⁶⁹

Permaneçamos no seu amor. É aí que Ele marca encontro com estas duas irmãs para as fundir na unidade.⁷⁰

A nós, esposas do Carmelo, não nos é permitido fazer outra coisa que não seja amor, o divino.⁷¹

Esta espiritualidade reflecte com transparência a mensagem bíblica: em vez de pensar no pecado da pessoa – que não é negado – prefere mergulhar o olhar no amor de Deus, que restaura no seu coração a graça baptismal.⁷²

Conclusão

A leitura que Isabel fez da Bíblia foi contagiante para muitos cristãos que nos seus escritos experimentaram os benefícios que ela tirou da Escritura; e procuraram imitá-la. Como a Bíblia era pouco lida quando se publicaram os escritos de Isabel, numerosos cristãos, religiosos e seminaristas saboreavam a espiritualidade bíblica de que

⁶⁸ «Último retiro», 6.

⁶⁹ Carta 126.

⁷⁰ Carta 110.

⁷¹ Carta 335.

⁷² Cf. R. GAMBALUNGA, “Annotazioni sul tema della fede negli scritti di Elisabetta della Trinità”, *Quaderni carmelitani* 21 (2004) 65-79.

estão embebidas as suas páginas. A palavra de Deus – filtrada pelo coração desta contemplativa, como um raio de luz solar é filtrado/decomposto através de um prisma – foi, assim, mais facilmente acolhida pelos cristãos não habituados a ler a Bíblia.

À nossa humanidade desorientada, que já não sabe encontrar Deus ou que o desfigura – que procura em que palavras fundar a sua esperança –, Isabel dá o testemunho de uma *abertura perfeita à Palavra de Deus*, que ela assimilou a ponto de alimentar verdadeiramente a sua reflexão e a sua oração, a ponto de encontrar nela todas as suas razões de viver e de se consagrar ao louvor da sua glória.⁷³

É esta “abertura perfeita à palavra de Deus” que torna exemplar a sua leitura da Bíblia e justifica o seu reconhecimento oficial por parte da Igreja. Ela serviu-se da Escritura como fonte de conhecimento de Deus e da sua vontade em Jesus. O segredo da sua espiritualidade está na escuta que ela prestou à palavra de Deus, está em ser um eco fiel da «Palavra» e de se ter deixado fecundar por ela. O resultado é palpável. Ninguém aborda os seus escritos sem ser provocado a aprofundar a comunhão com o Deus Mistério Trino de que ela fez experiência.⁷⁴

⁷³ Homília do Papa JOÃO PAULO II, por ocasião da Beatificação da Irmã Isabel da Trindade: *L'Osservatore romano*, ed. portuguesa 15, 49 (2.12.1984) 3.

⁷⁴ Cf. P.-M. FÉVOTTE, *Aimer la Bible avec Élisabeth de la Trinité* (Épiphanie Carmel; Cerf; Paris 1991) 17-19; R.A. ABREU, “De joven a jóvenes. Propuestas de Isabel de la Trinidad para los jóvenes de hoy», *Espíritu y vida* 13 (2006) 75-112.

A SANTA DA INABITAÇÃO DIVINA

GREGORY ROSS

Numa carta escrita poucas semanas antes da sua morte em 1906, uma irmã carmelita descalça declarou a uma amiga: “Minha querida Antonieta, deixo-te a minha fé na presença de Deus, do Deus que é todo Amor habitando nas nossas almas. Confesso-te: é esta intimidade com Ele “dentro” que tem sido o maravilhoso sol iluminando a minha vida, tornando-a já num Céu antecipado: é ela que me apoia hoje no meu sofrimento.” Esta jovem irmã, Beata Isabel da Trindade, tem sido desde então apelidada com títulos como “a profeta da presença de Deus”, “a santa da inabitação divina”, ou “a santa de uma única ideia”, por causa da sua forte experiência da inabitação de Deus na sua alma. Até o Catecismo da Igreja Católica cita uma oração que ela compôs e dirigiu à Trindade que ela sabia habitar na sua alma.

O Catecismo cita a oração da Beata Isabel para ilustrar a verdade de que “mesmo agora nós somos chamados a ser habitação da Santíssima Trindade”. “Se alguém me ama”, diz o Senhor, “e guarda a minha palavra, meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e faremos nele a nossa morada. “ (Jo 14,23).

A Beata Isabel tinha uma profunda e viva experiência desta grande verdade da nossa fé, também expressa nas palavras de S. Paulo

* O Padre Gregory Ross, O.C.D. é um carmelita descalço da Província de Santa Teresa. Actualmente é Mestre de Estudantes e Reitor da Casa de Estudos S. João da Cruz em New Orleans, Louisiana.

Este artigo foi traduzido do inglês e cedido por Antonieta Vigário a partir de http://www.helpfellowship.org/Blessed_Elizabeth_of_the_Trinity.htm .

aos Coríntios: - “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Cor 3, 16). Ela cita estas palavras, quando escreve a uma amiga sua.

“Vou dar-te o meu ‘segredo’: pensa neste Deus que habita dentro de ti, cujo templo tu és; S. Paulo fala deste modo, e nós podemos acreditar nisto”.

Esta jovem mística compreendeu a presença constante de Deus dentro dela como um sinal do Seu grande amor. Ela escreve à sua mãe:

“Oh, que o Mestre te possa revelar a Sua divina presença, é tão agradável e doce, dá tanta força à alma; acreditar que Deus nos ama até ao ponto de viver em nós, de se tornar Companheiro do nosso exílio, nosso Confidente, nosso Amigo a cada momento!”

Como é que a Beata Isabel chegou a esta profunda consciência do Deus Amor que habitava dentro dela e dentro das almas de todos os baptizados? Vamos ver brevemente na sua vida como é que a graça de Deus foi activa e efectiva no seu desenvolvimento espiritual.

Isabel nasceu em Julho de 1880, num ambiente militar. O seu pai, José, tinha sido criado numa família pobre e agrícola. Aos vinte e um anos ele alistou-se no exército francês. Em Setembro de 1873, Catez casou com Marie Rolland, filha de um militar bem sucedido. Depois de uma carreira marcada pelo combate assim como por muitas promoções, ele foi investido Cavaleiro da Legião de Honra em 1881. Passando os seus primeiros anos neste ambiente militar, Isabel foi naturalmente formada em virtudes tais como a coragem e a lealdade.

Desde os seus primeiros anos, a personalidade de Isabel também foi marcada por uma disposição determinada, enérgica. A criança cheia de energia exuberante e com vontade forte, muitas vezes se tornava violenta, o que resultava em ataques de raiva. Não suportava que a contradissem, dando a ideia de “pensar que tudo devia ir diante dela”. No entanto, esta criança que foi uma vez descrita maldosamente como um “puro demónio” simultaneamente demonstrava e desenvolvia uma grande atracção pela oração.

O ano de 1887 marcou uma grande mudança na vida, de sete anos, de Isabel. O ano começou com a morte do seu avô materno em Janeiro. Em Outubro do mesmo ano, o seu pai, José, com cinquenta e cinco anos, morreu de repente de um ataque do coração. Madame Catez

e as suas duas filhas (a irmã de Isabel, Margarida, que nasceu em 1883) depressa se mudaram da sua antiga casa para um apartamento no que se poderia chamar os subúrbios de Dijon. Da janela do seu quarto na nova casa, Isabel podia ver o Mosteiro das Irmãs Carmelitas Descalças.

Depois da morte do seu pai, as reacções de raiva de Isabel aumentaram quer em número quer em violência. Durante o mesmo ano, no entanto, a criança experimentou pela primeira vez o sacramento da Penitência, “que trouxe aquilo a que ela chamou a sua ‘conversão’”. A partir de então, começou a lutar notavelmente contra o seu temperamento violento, prometendo à sua mãe que lutaria para ser o verdadeiro modelo de uma filha “doce, paciente e obediente”.

No entanto, foi só quatro anos depois que a futura beata finalmente conseguiria conquistar o seu temperamento difícil. Na Primavera de 1891, quando tinha quase 11 anos, Isabel fez a sua Primeira Comunhão. Sensível por natureza, especialmente para as coisas sagradas, foi profundamente afectada pela sua primeira recepção de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia. Lágrimas de alegria foram vistas a correr pela face da jovem depois da sua Comunhão. Depois de deixar a igreja, ela disse a uma amiga íntima, “Já não tenho fome, Jesus alimentou-me.”

Na tarde da sua Primeira Comunhão, Isabel também encontrou a priora do Carmelo de Dijon pela primeira vez. A priora, depois de aprender o nome da rapariga explicou-lhe que “Isabel quer dizer “casa de Deus”. Uns poucos dias mais tarde, ela enviaria esta mesma mensagem a Isabel, escrita por detrás de um santinho: “O teu nome abençoado esconde um mistério, realizado neste grande dia. O teu coração é a Casa de Deus na terra, do Deus de amor”.

Este tema de ser “casa de Deus”, então, foi, em princípio, profundamente associado com o mistério da Eucaristia na mente de Isabel. Num poema que mais tarde escreveria para comemorar o sétimo aniversário da sua Primeira Comunhão, ela medita acerca desse dia:

Quando Jesus fez em mim a Sua habitação,
Quando Deus tomou posse do meu coração,
Tão bem que desde essa hora,
Desde esse misterioso colóquio,
Desse encontro divino e delicioso,
Eu não aspirei a nada mais do que a dar a minha vida

De modo a retribuir um bocadinho do Seu grande amor
Ao Amado da Eucaristia
Que repousava no meu fraco coração
Inundando-o com todos os seus favores.

Mais tarde, Isabel escreveu também as seguintes palavras a uma amiga que tinha acabado de fazer a sua Primeira Comunhão: “Se Ele vem esta manhã para o teu coração pequenino, não é para passar por Ele e ir-se embora, mas para permanecer aí para sempre.” Parece que a futura beata compreendeu que dando-se Ele próprio a ela no sacramento da Eucaristia, Jesus tinha vindo morar nela de um modo novo.

Isabel viveu do seu desejo de “retribuir um bocadinho do Seu grande amor ao Amado da Eucaristia” conquistando a sua natureza tempestuosa. A sua mãe mais tarde testemunhou: “a partir desse dia (da sua Primeira Comunhão) e daí em diante, não existiram mais explosões de raiva.” Esta vitória não aconteceu à jovem rapariga por acaso, pelo contrário, custou-lhe uma grande quantidade de esforço e de luta. No entanto, Isabel desejava retribuir amor por amor, e mostrar o seu amor ao Deus amoroso, tornando-se ela própria mais amorosa para com os outros. Ela arranjou força para esta luta no “Amado da Eucaristia” que fez nela a Sua morada.

Isabel discerniu a sua vocação para o Carmelo, depois de ter recebido a Comunhão, um dia quando ela tinha catorze anos de idade, mas a sua mãe era contra a ideia. Quando Isabel tinha dezanove anos de idade, Madame Catez concordou com a entrada da sua filha no Carmelo, mas pediu-lhe para esperar pelo seu vigésimo primeiro aniversário. Nos anos antes de entrar no convento, Isabel estudou o *Caminho de Perfeição* de Santa Teresa de Jesus. Também leu a primeira edição da *História de uma Alma* de Teresa de Lisieux, e rapidamente se tornou uma seguidora entusiasta do “Pequeno Caminho”. A quase carmelita foi também uma grande enamorada do “Acto de Holocausto ao Amor Misericordioso” de Teresinha.

Em Fevereiro de 1900, a jovem aspirante ao Carmelo de Dijon foi apresentada a um frade dominicano, um amigo das irmãs. Isabel pediu-lhe ajuda para compreender a sua experiência interior – a sua necessidade de silêncio e de recolhimento, e o seu sentido de uma inexplicável presença na profundidade da sua alma. Este dominicano ajudou-a a aprofundar a sua consciência da verdade da inabituação da

Trindade na alma dos batizados: que não é só Cristo, mas que é “todos os três da Trindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – que estão presentes em amor na sua alma. Este encontro de graça assegurou grandemente Isabel e ajudou-a no seu progresso espiritual.

Enquanto esperava para entrar no seu amado Carmelo, Isabel viveu a vida de uma jovem típica, uma leiga católica activa do seu tempo. Cantou em dois coros na sua paróquia, ajudou a preparar crianças para a Primeira Comunhão, e animou uma espécie de campos de férias de verão, durante o dia, para os filhos dos que trabalhavam na fábrica de tabaco local. A personalidade desta jovem mulher enérgica e sensível floresceu desde os seus primeiros anos. A sua natureza simples, vivaz e espontânea, unida à grande posse de si mesma, ainda que dificilmente ganha, angariou-lhe amigos de todas as idades. Muitos dos que a conheceram, mais tarde testemunharam que ela exerceu uma notável influência nos outros, especialmente nos mais novos que ela, uma vez que era capaz de animar recreios e outras actividades com jovens. Deve notar-se que Isabel era também uma música muito dotada; desde os sete anos estudou música no Conservatório de Dijon, ganhou vários prémios pela sua mestria ao piano. Diz-se que tocava com grande paixão, tocando de modo a agradar ao próprio Deus. “Ninguém pode interpretar os grandes mestres tão bem como Isabel”, disse um dos seus muitos admiradores.

No meio da sua activa vida social, Isabel procurou viver como “uma carmelita dentro” enquanto esperava o dia da sua entrada no claustro. Procurou viver em constante comunhão com o Deus amoroso que ela sabia que estava sempre presente dentro dela. Quando tinha vinte anos, Isabel escreveu as seguintes palavras a Jesus: ‘Que a minha vida seja uma oração contínua, um longo acto de amor. Que nada possa distrair-me de Ti (...). Eu gostaria tanto, ó meu Mestre, de viver contigo em silêncio! Mas o que eu amo mais acima de tudo é fazer a Tua vontade, e desde que Tu continues a querer que eu esteja no mundo, submeto-me com todo o meu coração, por amor de Ti. Ofereço-te a cela do meu coração; que ela seja a tua pequenina Betânia, vem descansar ali, Amo-te tanto!’

Finalmente, em 1901, Isabel entrou no seu amado Carmelo, recebendo o nome de Ir. Isabel da Santíssima Trindade. A sua consciência e experiência do Deus Triuno habitando dentro dela

continuou a crescer. Através da sua comunhão com Cristo na Eucaristia e na Sagrada Escritura, a vida espiritual da jovem carmelita tornou-se ainda mais profunda. Ela tirou alimento dos ensinamentos dos grandes santos do Carmelo – Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz, assim como da sua contemporânea, Teresa de Lisieux. Acima de tudo, Isabel elege como “pai da sua alma” a São Paulo, que lhe revelou este mistério da caridade de Cristo”. Em S. Paulo, Isabel encontrou ensinamentos que fizeram eco da sua própria experiência e que a ajudaram a interpretar esta experiência. Paulo falou-lhe do excessivo amor de Cristo que “me amou e Se entregou por mim” (Gal 2, 20). Isabel afirma que esta última expressão paulina resume tudo acerca do amor de Cristo, um amor que foi verdadeiro e forte. Quando criança, Isabel encontrou a força para conquistar o seu forte temperamento só depois de ter recebido o corpo e sangue de Cristo na Eucaristia pela primeira vez. Quando carmelita, ela lia em S. Paulo que foi Cristo quem fez a paz através do sangue da sua Cruz (Col 1, 20), fazendo “a paz no meu pequeno céu, de modo que possa ser o repouso dos Três.” Isabel tinha experimentado por si mesma o modo pelo qual o sangue do Cristo Eucarístico trouxe paz à sua alma tempestuosa, e mais tarde encontrou as palavras de S. Paulo que confirmam a sua experiência. Também, como já se viu antes, Isabel encontrou nas palavras de S. Paulo o fundamento da Sagrada Escritura para a doutrina da inabituação de Deus na alma do cristão.

Do mesmo modo, Isabel encontrou em S. Paulo as palavras para confirmarem a sua experiência de que é através de Jesus que “nós temos acesso ao Pai” (cf. Ef 2, 18). Num poema que compôs para o Natal de 1901, escreve:

Ele vem para revelar o mistério,
Para dar todos os segredos do Pai
Para levar de glória em glória
Mesmo até ao coração da Trindade.

Isabel, então, experimentou Cristo como aquele que vem para nos revelar o amor do Pai e para nos levar a partilhar, na vida divina, do amor trinitário.

Finalmente, a jovem carmelita encontrou muitas passagens de S. Paulo que a ajudaram a descobrir a grande dignidade desta vocação cristã de partilhar a vida da Trindade através da união com Cristo. Ela

foi especialmente tocada pelo capítulo oitavo da carta de S. Paulo aos Romanos, no qual o grande santo escreve: “Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os destinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos. E àqueles que destinou também os chamou; e àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou.” (Rom 8, 29-30)

Do mesmo modo, tirou grandes riquezas do primeiro capítulo da carta aos Efésios, na qual Paulo escreve: “Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, na sua presença, no amor. Destinou-nos para sermos adoptados como seus filhos, por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem amado” (Ef 1, 4-6). Ainda mais, nesta passagem dos Efésios, Isabel descobriu um tipo de “vocação pessoal” para viver como “*Louvor de Glória*” do Pai; tal como Jesus, ele próprio foi o definitivo *Louvor da Glória* do Pai. Esta vocação a louvar a glória de Deus também incluía a vocação a partilhar os sofrimentos redentores de Cristo, para ser capaz de dizer como S. Paulo, “completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja.” (Col 1, 24).

Isabel tomou consciência de que todas as pessoas são criadas para serem unidas a Jesus, para serem como Ele, mesmo nos seus sofrimentos, para partilharem a relação de amor que o próprio Jesus ressuscitado partilha com o Pai e o Espírito Santo. Ela explica este grande plano de Deus numa das suas meditações:

“Deus abaixa-se amorosamente sobre esta alma,/ A sua filha adoptiva, que está tão / conformada á imagem do Seu Filho / o “primogénito de todas as criaturas” / e reconhece-a como uma das / que ele tem “predestinado, chamado, / justificado”. E o Seu coração paternal / estremece quando pensa em consumir/ o Seu trabalho, que é, o de a “glorificar” / levando-a para o Seu reino, / para aí cantar para todo o sempre sem fim” o louvor da sua glória”

Todo este grande trabalho é um acção do Deus de Amor. Deus cria-nos de modo a levar-nos à comunhão consigo mesmo, o Deus que é o próprio Amor.

Em resposta a este plano amoroso de Deus, Isabel desejou viver plenamente a sua vocação cristã e carmelita. A 21 de Novembro de 1904, festa da Apresentação de Maria, Isabel compôs a sua famosa oração à Trindade. Esta oração é como uma oferta de si mesma ao Deus que é Amor. Esta indica o programa de vida que Isabel desejou seguir. Nele vemos o seu desejo de ser unida a Cristo, conformada com Ele, para agradar ao Pai e para entrar profundamente na dinâmica do infinito amor da Trindade. Isabel pede ao Espírito Santo “cria na minha alma uma espécie de palavra encarnada; que eu possa ser outra humanidade para Ele, na qual Ele possa renovar todo o Seu Mistério”. Ela pede ao Pai: “Curva-te amorosamente sobre a tua pequena criatura; cobre-a com a Tua sombra, vendo nela só o ‘Amado em quem Tu te comprazes’”. E conclui abandonando-se a si mesma à Trindade, pedindo a Deus: “Esconde-Te a Ti mesmo em mim para que eu possa esconder-me a mim mesma em Ti até que parta para contemplar na Tua luz o abismo da Tua grandeza.”

Foi só dois anos depois de ter composto esta oração que Isabel da Trindade finalmente partiu desta vida para contemplar o abismo do grande amor de Deus por toda a eternidade. A jovem carmelita morreu depois de muitos meses de sofrimento, da doença de Addison, doença renal, que, naquela altura não tinha cura. Como resultado da sua doença, Isabel sofreu grande fadiga, uma incapacidade de digerir comida, intensas dores abdominais e uma grande sede. Ela escreveu que sentia como se bichos finos estivessem a devorar as suas entranhas, e disse que uma das primeiras coisas que faria no céu seria beber um copo de água. A sua comunidade notou a grande paciência, coragem e alegria com que Isabel sofreu.

A jovem carmelita viu o seu sofrimento como um modo de ser conformada à imagem de Jesus, como um modo de partilhar o sofrimento redentor do seu divino Esposo, pelo bem da Igreja. Assim Isabel até chegou a ver este sofrimento como um dom. Ela explica à sua mãe numa carta escrita desde a sua cama de doente:

“Alegro-me’, disse S. Paulo, ‘por completar na minha carne o que falta à Paixão de Jesus Cristo pelo bem do Seu corpo que é a Igreja’ Óh, como o teu coração de mãe deve saltar de alegria divina ao pensar que o Mestre se dignou escolher a tua filha, o fruto do teu seio, para a associar ao Seu grande trabalho pela redenção, e que Ele sofre nela, como se fosse uma extensão da

Sua paixão. A noiva pertence ao Noivo, e o meu já me tomou. Ele quer que eu seja outra humanidade para Ele, na qual Ele possa continuar a sofrer para glória do Seu Pai, para ajudar nas necessidades da Sua Igreja: este pensamento tem-me feito tanto bem!”

As últimas palavras audíveis de Isabel, antes da sua morte, foram, “Eu vou para a Luz, para o Amor, para a Vida.” Morreu a 9 de Novembro de 1906, com 26 anos, depois de ter vivido no Carmelo só por cinco anos. Quando lhe perguntaram se ela passaria o seu céu a fazer o bem na terra como Teresinha, Isabel respondeu que ela não o faria, mas que se lançaria “como uma bala” cada vez mais profundamente no abismo da Trindade. No entanto, intuiu que exerceria uma missão particular dentro da Igreja, a partir do seu lugar no céu. Na sua cama de doente, Isabel escreveu a um amigo carmelita: “Penso que no céu a minha missão vai ser a de agarrar almas, ajudando-as a saírem de si mesmas para se elevarem a Deus por um movimento de amor completamente simples, e mantê-las neste grande silêncio de dentro que permite a Deus comunicar-se a Si mesmo a elas e a transformá-las em Si”.

A 25 de Novembro de 1984, o papa João Paulo II beatificou Isabel da Santíssima Trindade. Na homília da sua beatificação, o Papa apresentou Isabel à Igreja como uma pessoa que levou uma vida ‘escondida com Cristo em Deus’ (Col 3,3)” e como “uma testemunha brilhante da alegria de ser ‘enraizada e alicerçada no amor’ (Ef 3, 17)”. Nós podemos voltar-nos para Isabel da Trindade hoje como uma testemunha do impacto que a presença do Deus de amor dentro da alma pode ter na vida humana. Ela proclama para nós, com S. Paulo, a grande dignidade da vocação cristã: o chamamento a sermos conformados com Cristo – crucificado, ressuscitado, e presente na Eucaristia – para nos tornarmos “templos do Espírito”, tudo para louvor da glória do Pai. Ela lembra-nos que a Trindade é a “nossa casa”, que Deus nos criou para estarmos unidos a Cristo, para vivermos como seus filhos e filhas adoptivos, habitando no seu amor e permanecendo aí sempre, nesta vida e na próxima.

«Ó meu Deus, Trindade que eu adoro,
ajudai-me a esquecer-me inteiramente,
para me estabelecer em Vós...

Ó meu Cristo amado,
crucificado por amor,
quereria ser uma esposa para o vosso Coração,
quereria cobrir-vos de glória,
quereria amar-vos...

Ó Fogo consumidor,
Espírito de amor, "sobrevinde em mim",
a fim de que se faça na minha alma
como uma encarnação do Verbo...

Ó meus Três, meu Tudo,
minha Beatitude,
Solidão infinita,
Imensidade em que me perco,
entrego-me a vós como uma presa.
Sepultai-vos em mim
para que eu me sepulte em vós,
esperando ir contemplar
na vossa luz
o abismo das vossas grandezas».

Ir. Isabel da Trindade, 21 de Novembro de 1904

UMA PÁGINA CARMELITANA DO CARDEAL JOSEPH RATZINGER

Todas as referências carmelitanas do Papa estão publicadas no órgão oficial da Ordem “Acta OCD”, que é editada, cada ano em Roma. Numa conferência para comemorar o 50º aniversário da tese de doutoramento de Karol Wojtyla sobre São João da Cruz e o 25º aniversário do pontificado de João Paulo II, o então cardeal Ratzinger escreveu esta página memorável:

“Como não pensar neste Pontífice sem recordar quantos santos e beatos receberam a sua proclamação por iniciativa deste Papa? Há, nesta multidão, duas mulheres, as duas pertencem à Ordem do Carmelo, que podem ajudar-nos a compreender a dimensão sapiencial que está por debaixo de toda a reflexão teológica deste Pontífice. E, não por acaso, certamente, estas jovens mulheres estão já vinculadas ao pontificado deste Papa. São uma santa declarada por ele Doutora e uma doutora declarada por ele Santa: Teresa Martín e Edith Stein. A primeira, Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, foi uma jovem que fez transparecer a santidade através da simplicidade do seu coração jovem e se revelou, graças a João Paulo II, tão sábia que mereceu ser declarada doutora da Igreja. O seu pequeno caminho converteu-se agora num grande caminho que torna mais praticável o acesso, através da porta estreita do Evangelho.

A segunda, santa Teresa Benedita da Cruz, foi uma jovem estudante de filosofia que entrou no Carmelo e aprendeu, através do conhecimento da cruz até ao martírio, aceitando conscientemente, essa sabedoria misteriosa, que nasce de uma santidade vivida. A sua

busca da verdade levou-a a descobrir no Evangelho da cruz a fonte de um amor livre e autêntico.

Ensinaram-nos, desta maneira, que a verdade e o amor são inseparáveis. Uma é a Padroeira das Missões, sinal da abertura universal da salvação, a outra é uma judia convertida ao catolicismo, sinal dessa reunião dos pais e dos filhos (cf. Lc 1, 17), que inaugura os tempos messiânicos.

*Com um único nome, Teresa, na vida das duas encontramos a santidade que se faz sabedoria e a sabedoria que se converte em santidade, no único desígnio de amor e de salvação para os homens. Teresinha, partindo da sabedoria de um coração ardente de amor por Jesus, chega à inteligência mística. Edith, movendo os seus passos desde uma multiforme inteligência filosófica do mistério, chega finalmente a essa sabedoria da cruz que a leva a entregar-se até à morte. As duas são sábias, quer dizer, conhecem essa sabedoria que se revela só a quem encontrou na cruz a chave da sua existência. E as duas são santas, porque os seus corações aprenderam, através de um dócil e amoroso seguimento do Ressuscitado, a conhecer a fonte da verdade”.**

* Em L'Osservatore Romano, 7-11-1998, 4.

APELOS SACROS DE FÁTIMA

TERESA FERRER PASSOS

«Vós que encheis a minha esperança, / Ó Mãe! Escutai o humilde canto / De amor e de gratidão / Que vem do coração da vossa filha... // Às obras de um Missionário / Uniste-me para sempre, / Pelos laços da oração / Do sofrimento e do amor».

(Santa Teresa do Menino Jesus, *Obras Completas*).

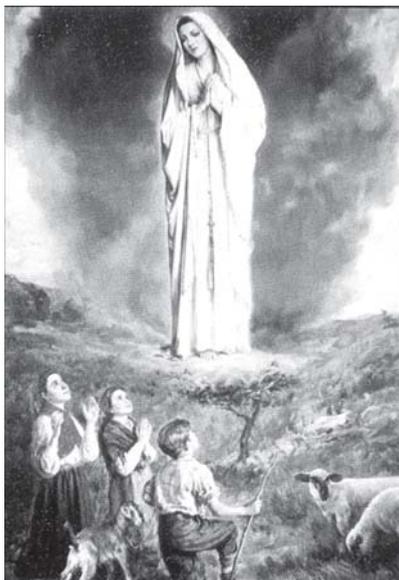
«(...) Os adultos têm algo que é certamente diferente de nós...quer dizer, Deus (...) Mas isto é seguro: os adultos não estão a preocupar-se com Ele, pelo que somos nós, as crianças, é que temos de nos preocupar».

(Rainer Maria Rilke, *Histórias de Deus*).

Foi com curiosidade que comecei a ler a obra da Irmã Lúcia, vidente da Cova de Iria, intitulado *Apelos da Mensagem de Fátima* (Edições Carmelo, Secretariado dos Pastorinhos, 2005). Uma novidade em relação a anteriores revelações? Uma complementaridade dos escritos dados à estampa, há vários anos, e que titulara *Memórias*? De qualquer modo, o título era apelativo, chamava-se *apelos*. Além disso, subscrevia-o a vidente de Fátima que escutara as mensagens da Senhora mais brilhante do que o Sol.

De facto, Lúcia recebera, após a publicação das *Memórias*, uma vasta correspondência de leitores. Todos eles procuravam esclarecer os pontos mais controversos ou obscuros do texto em que dava testemunho escrito das visões e das palavras verbalmente transmitidas na Cova de Iria,

nas proximidades da aldeia de Fátima, corria o ano de 1917, pela Senhora que identificou como sendo a própria Virgem Maria, Mãe de Jesus Cristo.



As visões de Maria tinham sido acompanhadas pela simultânea audição de palavras, de palavras estranhas, mas significantes, tão significantes que as entendera, ainda que necessariamente à sua maneira. Segundo o teólogo J. Ratzinger (actual Papa Bento XVI) «a visão comporta simultaneamente uma vertente imaginal e uma vertente comunicacional».¹ E no seu *Comentário Teológico ao 3º Segredo de Fátima*, Ratzinger diz-nos: «A pessoa é levada para além da pura exterioridade e é tocada por dimensões mais profundas da realidade que se tornam visíveis para ela».²

Ao debruçar-se sobre o «Segredo de Fátima», o dominicano e semiótico José Augusto Mourão escreve, bem a propósito, que «cada

¹ Citado por José Augusto Mourão «O Inferno da Interpretação - O Segredo de Fátima», *Internet*, TriploV.com p.4.

² Joseph Ratzinger, *Comentário Teológico ao 3º Segredo de Fátima*, in *Internet*, www.crossroadsinitiative.com/library_article/553, pág. 4.

leitura irá acrescentar o texto, ao ajudar a desdobrar o sentido». Mas, não deixa de se interrogar: «Haverá interpretação fora da violência hermenêutica? Como sair do paradoxo aparente da interpretação, ao mesmo tempo aberta e determinada e da semiose, ao mesmo tempo infinita e contudo decidível?».³

Com apenas dez anos e sem cultura religiosa, a pequena Lúcia transmitira, ou seja, traduzira o que escutara, com as dificuldades inerentes à sua condição. Segundo J. Ratzinger tratou-se de um «processo de tradução», próprio de uma «visão interior». Como declarara aos seus familiares, aparecera-lhe uma Senhora muito luminosa, que dizia vir do Céu. A identificação da Mãe de Jesus Cristo, impôs-se-lhe de imediato. Na perspectiva de Ratzinger, «uma percepção interior, imaginativa» foi captada, «de acordo com as possibilidades da vidente».⁴

Ora, a Irmã Lúcia viu a Senhora resplandecente, entre os ramos sóbrios de uma pequena azinheira. A sua voz vibrara de apelo, de aviso e de mágoa. Ao longo das intervenções feitas, desde Maio a Outubro de 1917, os seus apelos foram recebidos pelo espanto, mas também pela aceitação de três crianças: além de Lúcia, os seus primos mais novos, Francisco e Jacinta estavam presentes e percebiam que Lúcia dialogava com a Senhora de brilho sobrenatural. Ele, Francisco, escutava a Senhora, sem a ver. Contudo, Jacinta via-a, embora não ouvisse o que dizia. Só Lúcia a via e a escutava, ao mesmo tempo.



Os pastorinhos em Agosto de 1917

³ José Augusto Mourão «O Inferno da Interpretação - O Segredo de Fátima», *Internet*, TriploV.com, p.1.

⁴ *Ibidem*, p.4.

Em 13 de Julho de 1917, Lúcia e Jacinta viram, então, a mais terrível das visões: a visão do fogo infernal a provocar grandes sofrimentos nos maus. Com as infernais imagens, a Senhora, donde brotava a nívea luz, mostrava-lhes o castigo que mereciam os pecadores pelos seus actos iníquos. Poder-se-á estranhar que tenham sido crianças, e não adultos, a receber esta assustadora visão. Escolha estranha, sem dúvida, mas talvez, estando cheia de mistério, transparça, de igual modo, um significado: se nos lembrarmos da predilecção de Jesus Cristo pelos mais pequeninos, os puros de coração, os inocentes, algo se começa a perceber. As crianças eram puras, por isso, poderiam bem mais facilmente ser capazes de acreditar no que viam e comunicá-lo a todo o mundo, apesar das suas limitações de interpretação. Aqui, o Inferno simboliza o apelo à conversão, ao arrependimento.

O apelo da mensagem de Maria respeitava também ao valor de sacrifícios e de orações, oferecidos ao Altíssimo, como penhor dos pecados cometidos. De acordo com o que Lúcia nos diz neste seu livro, há que fazer muitos sacrifícios para merecermos o Céu. Entre os mais difíceis, sem dúvida, estão aqueles que só são possíveis graças a um espírito com a força de uma grande humildade. Como nos lembra, sacrifícios podem fazer-se todos os dias. E dá-nos algumas sugestões sobre a possibilidade de os fazer. Para Lúcia, sacrifício existe quando um espírito é capaz de não responder à ofensa com outra ofensa, quando é capaz de não se impacientar com ambições não alcançadas, quando é capaz de viver sem má disposição ou azedume com aqueles que sabe que o rejeitam, quando é capaz de suportar os infortúnios com abnegação. São esses sacrifícios – verdadeiros actos de penitência – que mais mérito encerram e que, nessa medida, mais são louvados por Deus.



Arco erguido no lugar da Aparição

Acerca desta delicada questão, presente nos apelos marianos, J. Ratzinger escreve, no *Comentário Teológico* já referido, que esses apelos à penitência revelam como é importante para Deus a liberdade humana. Na sua interpretação da mensagem de Fátima, concretiza que, afinal, «todo o objectivo da visão é trazer a liberdade para a ribalta e apontá-la numa direcção positiva. O objectivo da visão não é mostrar um filme de um futuro fixo e irrevogável (...)». Antes, «tem por intenção mobilizar as forças de mudança na direcção correcta».⁵

Uma criança, chamada Lúcia, escuta este importante apelo de Maria, um apelo à renúncia de si mesmo por amor a Deus e à humanidade. A Mãe de Jesus Cristo estava, através da criança, a dirigir-se a toda uma humanidade. Há aqui como uma forma de fazer pedagogia do adulto, e, precisamente, através da infância. O facto de os três pequenos pastores seguirem os ensinamentos da Senhora mais brilhante que o Sol, ao começarem, de imediato, a oferecerem pequenos sacrifícios para salvar do castigo eterno os maus – ela própria Lúcia e os seus primos, Jacinta e Francisco, a quem ela conta tudo aquilo que Lhe ouve – é significativo.

De facto, tudo nas crianças é clareza, tudo nelas é boa intenção e sinceridade. Tudo nelas transmite serenidade, tudo está imbuído de paz e verdade, porque a criança não conhece o que é a guerra, não imagina o que é a crueldade, não prevê a mentira. Para a criança todo o real está repleto de aparência e toda a simples aparência é também real. A realidade confunde-se sempre com a verdade. Porque a verdade envolve a realidade. Por isso, as imagens infernais não assustam os pequenos pastores dos campos de Fátima, antes despertam ainda mais os seus profundos sentimentos de condescendência e de generosidade com o próximo. Eles querem, sem condições, contribuir com os seus sacrifícios para ajudar não os bons – esses não precisam – mas os maus, os que não são capazes de serem bons e, assim, não poderem receber a recompensa no Céu.

⁵ Ob.cit. in *Internet*, www.crossroadsinitiative.com/library_article/553, pág. 6.



Notícia da Aparição de 13 de Outubro de 1917

Perante a terrível visão, Francisco, Lúcia e Jacinta não fogem, não gritam, não se atemorizam. Antes, ficam tão preocupados com o sofrimento futuro dos maus que, de imediato, na sua grande capacidade para ajudar – generosidade natural na criança –, desejam fazer todos os sacrifícios imagináveis para os resgatar, para os redimir, para os salvar dos terríficos tormentos do Juízo Final.

A autenticidade, a espontaneidade, a ingénuo credulidade, e com elas, a absoluta confiança, são as características superiores das crianças, no conceito de Deus, como já o ensinara Jesus Cristo: «Sede como crianças, se quereis entrar no reino do Céu». E, assim, talvez por isto, e também por outras razões cheias de mistério, são escolhidas, para receberem a mensagem da Senhora luminosa vinda do Céu, aquelas três humildes crianças da serra d’Aire, do lugar da pequenina Fátima.

Foram os mais puros dos seres humanos que Deus privilegiou sempre. Agora, mais uma vez, Deus os escolheu para, através deles, a Rainha do Céu transmitir aos homens um reforço da mensagem de Jesus Cristo. A visão infernal fazia os homens avaliarem até que ponto O continuavam a ofender, até que ponto continuavam a transgredir a Sua Lei. Praticavam o mal, sem pensarem que mereciam um juízo implacável para os seus actos iníquos.



Jacinta e Lúcia em Setembro de 1917

Com uma atenção desmedida, cheia de espanto e até de medo, a pequena Lúcia tentava entender o que escutava e o que via, num assombro desmedido. Eram palavras simples que ouvia da Senhora tão brilhante, mas as frases eram difíceis de interpretar. Eram visões de que Lúcia já ouvira falar na igreja, mas tão confusas e tenebrosas que tinha de procurar as palavras que se aproximavam do que vira. As dificuldades eram imensas. E que responsabilidade transmitir as imagens tão perturbantes, e, ao mesmo tempo, cobertas de um emocionante maravilhamento.

Talvez por todas estas inesperadas visões possuírem a força do invisível, a vidente Lúcia só começará a penetrar os apelos da mensagem de Fátima muitos anos mais tarde com o estudo dos Evangelhos, do Antigo Testamento, com o estudo de hagiografias de santos. Tudo isto, quando já se encontrava (desde 17 de Junho de 1921) no Convento das Irmãs Doroteias, em Vilar, perto do Porto. Será a devoção de Lúcia à Senhora das Aparições que acabará por a conduzir das Doroteias – em cuja Ordem ingressou em 2 de Outubro de 1926 – ao Convento da Ordem das Carmelitas, em Coimbra, em 25 de Março de 1948. Contudo, Lúcia teme, ainda, interpretar mal. Acha que algo lhe pode ter escapado da mensagem de Fátima. Solicita, então, a interpretação dos teólogos, pessoas com uma cultura vasta sobre Deus, Jesus Cristo e Maria, Sua Mãe.



Capelinha construída no local das Aparições em 1918

Entre azinheiras, oliveiras, carvalhos e sobreiros, no silêncio dos vales húmidos e sombrios, onde a terra tantas vezes enlameava os pés dos pastorinhos devido às fortes e frequentes chuvas, algo de espantoso tinha acontecido! Conforme a interpretação de Joseph Ratzinger – o Papa Bento XVI –, que conversou longamente com Lúcia para se pronunciar sobre as Aparições de Fátima, o que se verificou foi uma «visão interior, que nada tem a ver com uma visão dada pelos sentidos, nem tão pouco com uma percepção intelectual, sem imagens, como a dos místicos». Estas palavras de Joseph Ratzinger – citadas por José Augusto Mourão no seu artigo «O Inferno da Interpretação» – são um esclarecimento ao próprio fenómeno de Fátima, mas são também algo que fica a pairar como uma tentativa de manter a pureza das mensagens escutadas pela vidente, sem, no entanto, as tornar indiscutíveis e absolutas.

Precisamente naquela Cova de Iria – terra que era uma horta de bom rendimento para os pais da pequena Lúcia –, a pequena pastora Lúcia aprendera com a Senhora a fazer uma oração breve, mas de largo sentido interior: “Orai comigo: Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos”. Era, um modo de falar com o Pai celestial estranho, e, ao mesmo tempo, tão encantatório quanto eloquente, que vinha da Senhora descida do Céu, como Ela própria dissera.

Esta oração era para a pequena Lúcia e para os seus primos Francisco e Jacinta – todos os dias a acompanhavam no pastoreio das ovelhas –, um apelo à oração ao Pai celestial e uma proclamação da fé, da esperança e do amor que Lhe deviam ter. E com que palavras simples queria que se Lhe dirigissem!

Maria, Mãe de Jesus Cristo, é, segundo o testemunho de Lúcia, expresso em *Apelos da Mensagem de Fátima*, a Senhora que aparece, apelando sempre à oração, ou seja, à palavra que presentifica em nós o Criador. E ensinava-os a orar, sempre de modo simples: “Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-vos profundamente”. Um fundo e um forte apelo ao Amor do Pai é recebido pela pequena Lúcia entre as árvores submissas. Esses sobreiros com uma serenidade infinita, essas azinheiras, quem sabe se sem notarem o vento agitado, perante a chegada visível e simples de Maria. Entre elas, uma azinheira foi mesmo escolhida para dar guarida à sagrada visibilidade de Maria, Ela, a Mãe de Jesus Cristo, Ela também escolhida para Mãe de toda a humanidade, como Jesus a proclamou – já pregado no madeiro –, ao discípulo João, que ali estava junto d’Ele, naquele tempo imbuído de um silêncio de morte («Eis aí a tua mãe», Jo 19, 27) e a elevar um rumor imenso de vida.

Os apelos da Senhora luminosa têm um sentido voltado essencialmente para as criaturas que não perdoam, que não amam, que não se lembram do Pai, ou seja, do Criador. Esse Criador que, antes da memória dos tempos, já as amava, por isso as criara e, criara mesmo à Sua semelhança e com o projecto de serem felizes. É que «um Pai ama os filhos antes de os filhos o amarem», escreve a Irmã Lúcia. É, pois, um Pai que sofre pelos actos iníquos dos Seus filhos, pelo desprezo com que estes O tratam, se não mesmo pela negação da Sua própria existência.

Em *Apelos da Mensagem de Fátima* há a nítida intenção de esclarecer o testemunho dado nas anteriores *Memórias* escritas por Lúcia. Destacando só as frases que considera essenciais, a Irmã Lúcia relaciona-as constantemente com os Evangelhos, com passagens do Antigo Testamento, com Epístolas de S. Paulo ou mesmo com alguns escritos de Santa Teresa do Menino Jesus. Neste ensejo, Lúcia acentua que as palavras de Jesus Cristo são as próprias palavras do Criador do Universo.

“Fazei tudo o que Ele vos disser”, foi a pequena frase da intervenção de Maria, logo no início da vida pública de Jesus Cristo, nas célebres bodas de Caná. Aí, estavam Jesus e Maria com uma presença bem dinâmica, viva e actuante. Não eram uns convidados que apenas assistiam à festa. Mas uns convidados prontos a ajudar, disponíveis para resolver contratempos que fariam ensombrar o ambiente e obscurecer a alegria de todos.



Lúcia com treze anos

O primeiro milagre de Jesus é, na verdade, um acto em que Sua Mãe orienta, indicando o Seu Filho, numa atitude de protecção e afecto. A alegria do matrimónio não devia sofrer qualquer perturbação. E Maria interveio, aconselhando os donos da casa. Se precisassem de ajuda, deviam recorrer a seu Filho, que estava afinal ali, tão perto de todos. Por isso, aconselha: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Como salienta a Irmã Lúcia, eis a frase lapidar que indicou à família dos esposos de Caná o que deviam fazer para que aquela união fosse selada pela alegria, sem sombra de tristeza. Levar à confiança em Jesus, foi o objectivo de Sua Mãe.

A presença de Maria nas bodas de Caná na Palestina, há dois mil anos, ou nas aparições da Cova de Iria, em Fátima, no ano de 1917, é, para a Irmã Lúcia, o sinal de que Ela é um guia sempre próximo, um guia para orientar o Homem que não respeita o seu Criador – um Criador todo envolto no grande mistério das coisas invisíveis e que é a própria Santidade. Esse Pai perfeito, que, como ensinou Jesus, também deseja o ser humano perfeito. E como é uma atitude natural um Pai Santo sentir-se ofendido com o mal que os Seus filhos sustentam e realizam, cedendo ao ódio e desprezando o bem.

Os *Apelos da Mensagem de Fátima* feitos pela Senhora a irradiar uma luz mais forte do que a luz do Sol, procuram chegar ao coração das criaturas. Eles são, para a vidente da «percepção interior, imaginativa» (Joseph Ratzinger), o reflexo de o Espírito Santo ter projectado seres humanos «à Sua imagem e Sua semelhança» (Génesis, 2, 26). Assim, é a unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo que a Irmã Lúcia procura alicerçar no livro que temos estado a analisar em algumas das suas vertentes, pois em muitas outras pode ser motivo de reflexão.

Nesta breve abordagem, notamos que este livro tenta esclarecer, clarificar, tornar simples, realçar o que de mais importante Lúcia escrevera em *Memórias* (5ª edição, 1987), cujo manuscrito fora concluído em 1935. A transcendência da mensagem obriga Lúcia a oferecer o essencial da «visão percebida» na Senhora, pousada por instantes a parecerem eternos, nos ramos de uma azinheira.

É essa Senhora que se autodenomina, numa das suas aparições, «do Imaculado Coração». E, diz-nos Lúcia, a prova da sacralidade da Virgem foi ter concebido um Filho por obra e graça do Espírito Santo. Um Filho que não é mais do que a própria «imagem» do Pai, porque como disse Jesus: “Eu e o Pai somos um”; “O Pai que Me enviou, foi quem determinou o que devo dizer e anunciar”; “quem Me vê (a Mim), vê o Pai”.⁶

É esta ligação de Deus ao ser humano que Maria procura levar a humanidade a reconhecer, sublinha a vidente Lúcia. A aparição a crianças de um mundo rural distante da cultura das universidades e dos letrados, torna-se reveladora da predilecção do Espírito Santo pelos humildes, pelos puros de coração, no limite, pelas mais simples criaturas, as crianças.

Carregada de singeleza e com a sabedoria da palavra breve, sem fastidiosos discursos, a palavra de Maria acaba por ser acessível à pequena Lúcia, a Jacinta e a Francisco (indirectamente). Talvez a escolha de palavras que Lúcia conhecia bem, como pecado, ofensa, inferno, castigo, recompensa, Céu, sofrimento, sacrifício, amor, fosse o segredo do «processo de tradução» (J. Ratzinger) e, depois, da própria interpretação. Com este vocabulário, o Imaculado Coração de Maria fez-se entender, naquele momento, pela pequena Lúcia.

⁶ «Evangelho de S. João» in *Apelos da Mensagem de Fátima*, págs. 62, 63, 77.



A Irmã Lúcia com o seu livro nas mãos

Mas os apelos da mensagem de Fátima terão de ser confrontados com os ensinamentos deixados por Jesus aos Seus Apóstolos. Há que chamar os mais doutos teólogos do Cristianismo, escreve Lúcia, sem reservas e com a grande emoção de ter sido uma humilde intermediária que «traduziu» com todas as suas limitações.

Em 1917, ano das Aparições de Maria, viviam-se ainda os terrores da Primeira Grande Guerra Mundial, cujo fim se desconhecia. Neste contexto, é bem significante o apelo que a Irmã Lúcia escuta da voz da Senhora que fez a sua última Aparição a 13 de Outubro: “Não ofendam mais a Deus, que já está muito ofendido”.⁷ A expressão “ofensa” humana a Deus-Pai, é, em todas as mensagens, a razão maior de cada Aparição. Mas, os apelos de Maria provocam uma nova fidelidade, uma outra confiança, um mais forte amor a Deus: “O Verbo fez-se homem e habitou entre nós”.⁸

Na última Aparição, a 13 de Outubro, são feitos dois grandes apelos: um deles, é o apelo à «santificação da família». Este apelo foi

⁷ *Apelos da Mensagem de Fátima*, 2005, pág.155.

⁸ *Ibidem*, pág. 136.

representado na estranha visão de «Maria com o Menino Jesus ao colo e José a seu lado».⁹ Diz-nos a vidente: «Deus confiou à família uma missão sagrada de cooperação com Ele na Sua obra criadora».¹⁰ Esta visão ofereceu-lhe, acrescenta Lúcia, «o vislumbre da glória que gozam aqueles que já se encontram na posse do Reino de Deus»¹¹ – esta visão de Maria com o Menino e José a que Lúcia teve acesso, verificava-se ao mesmo tempo que se dava uma outra visão, a do milagre do Sol. Esta outra visão deu-se em simultâneo e, na verdade, sem que Lúcia lhe prestasse grande atenção. Aquilo que a multidão viu foi o espectáculo do «empalidecer do disco solar perante a luz da presença de Deus».¹² A pequena Lúcia via para um além-do-Sol. Na Terra, já penetrava as imagens oferecidas pelo Céu. Assim se compreende que não desse importância ao fenómeno solar. Que era isso em comparação com aquela imagem do pequenino Jesus ao colo da própria Mãe?



Imagem do Imaculado Coração de Maria

Um outro apelo, nesta mesma data de 13 de Outubro, viu-o a Irmã Lúcia na visão de uma Senhora das Dores – ou de todas as Dores –, ou

⁹ *Ibidem*, pág. 162.

¹⁰ *Ibidem*, pág. 163.

¹¹ *Ibidem*, pág. 195.

¹² *Ibidem*, pág. 162.

seja, de uma «Mãe que compartilhou essa dolorosíssima Paixão (de Jesus Cristo) como co-redentora (...)». E a vidente revela: «Na manifestação de Outubro Ela apresenta-se-nos sob a imagem da dor».¹³

A Irmã Lúcia dá grande ênfase ao único apelo de Maria a si própria, na anterior Aparição, datada de 13 de Maio: “Jesus quer (...) estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração”. Acrescentando: “O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te levará a Deus”. Este apelo, concretiza Lúcia, realça como «foi neste Coração que o Pai encerrou o Seu Filho, como se fosse o primeiro sacrário (...) e foi o sangue do seu Coração Imaculado que ministrou ao Filho de Deus a Sua vida e ser humanizado».¹⁴ A terminar, Lúcia diz-nos: «Deus encerrou no Coração de Maria a Sua Palavra».

A propósito, J. Ratzinger – Papa Bento XVI – no *Comentário Teológico ao 3º Segredo de Fátima*, ensina-nos: «o “imaculado coração” é um coração que, com a Graça de Deus, conseguiu uma perfeita unidade interior e assim “vê a Deus”».¹⁵

Como notámos constantemente ao longo do livro *Apelos da Mensagem de Fátima*, para a vidente Lúcia, a Mãe de Jesus Cristo é o elo privilegiado da ligação entre Deus e a humanidade. É Ela a artífice da grande amizade entre o Pai, Jesus e cada criatura. É Ela a escolhida de Deus para fazer a ponte entre Jesus e aqueles que repudiam a arrogância. É Ela a Mãe acolhedora daqueles que sofrem por amor à justiça e são puros de coração. É Ela a Mãe de braços abertos para as vítimas da crueldade, do desprezo e da humilhação.

Como escreveu, recentemente, Bento XVI na Carta Encíclica *Deus é Amor*, publicada pouco depois da sua ascensão ao Papado, «existe uma múltipla visibilidade de Deus. Na história de amor que a Bíblia nos narra, Ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos (...) incessantemente vem ao nosso encontro, através de pessoas nas quais Ele se revela».¹⁶

¹³ *Ibidem*, págs. 178-179

¹⁴ *Ibidem*, pág.135.

¹⁵ *Ob. cit.*, n Internet, www.crossroadsinitiative.com/library_article/553, pág. 5.

¹⁶ Carta Encíclica *Deus é Amor* de Bento XVI, 25 de Dezembro de 2005, pág 32.

Dirigindo um poema a Maria, o Papa Bento XVI, escreve:

«Santa Maria, Mãe de Deus,
Vós destes ao mundo a luz verdadeira
(...) Mostrai-nos Jesus.
Guiai-nos para Ele.
Ensinai-nos a conhecê-Lo e a amá-Lo,
para podermos, também nós,
tornar-nos capazes de verdadeiro amor
e ser fontes de água viva
no meio de um mundo sequioso.»¹⁷

Através das crianças, interlocutores privilegiados, por estarem mais próximos da pureza absoluta, que é a condição da santidade, o Imaculado Coração de Maria adverte, avisa, – por meio da criança, ser de eleição para Deus – aqueles que renegam Deus, mas que Deus considera, mesmo assim, Seus amados filhos. A Mãe de Jesus Cristo procura, assim, chegar aos corações daqueles que não acreditam, que desprezam Deus.

O Seu «Imaculado Coração» procurou três crianças para lembrar, de novo, ao mundo, a vontade de Deus. E, procurou precisamente crianças, porque elas deviam ser para os adultos um exemplo vivo de confiança, de fidelidade e de amor.

Hoje, as crianças são a última esperança humana. Nelas está na essência a audácia de confiar e a capacidade de amar as maravilhas do sacro universo que as cerca! E, Maria, Mãe e Rainha do Céu, aparece-lhes na Terra, transmitindo-lhes a dor de um Deus-Pai ofendido, demasiado ofendido, mas também pronto a perdoar cada ser humano que siga as qualidades da infância distante, mas não perdida. Essas virtudes da infância a perdurarem para que muitos possam ser bem-aventurados. Como disse Jesus no Sermão da Montanha, «Bem-Aventurados os puros de coração porque verão a Deus».¹⁸

¹⁷ *Ibidem*, pág.77.

¹⁸ Evangelho de S. Mateus, 5, 8.

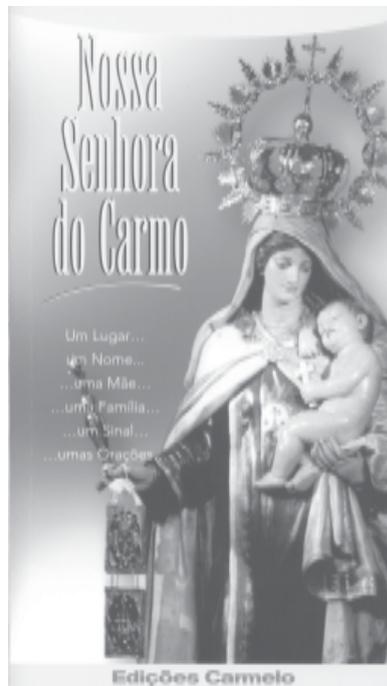


GRAVA-ME COMO UM SINAL NO TEU CORAÇÃO

Uma obra marcadamente compilatória onde podem descortinar-se cinco partes: documentos do Magistério e da Ordem do Carmo; testemunhos de ontem e de hoje; meditações bíblicas para cada um dos dias do mês; compilação de Novenas e orações piedosas; rito de imposição do Escapulário.

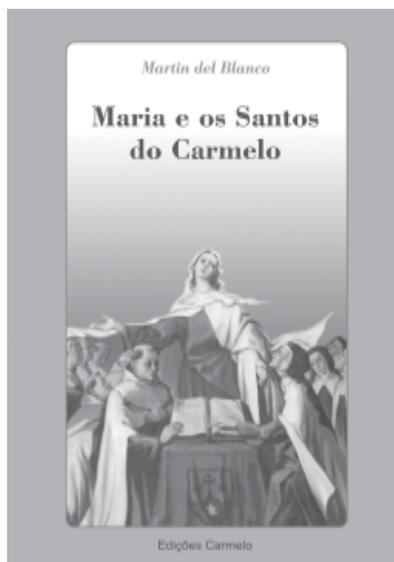
MARIA E OS SANTOS DO CARMELO

Este livro não pretende ser um tratado mariológico, mas mostrar a experiência de cada Santo, a sua vivência do projecto da salvação na imitação daquela que foi a Peregrina da Fé, Maria.



NOSSA SENHORA DO CARMO

Um Lugar... um Nome... uma Mãe... uma Família... um Sinal... umas Orações...



UM NOVO OLHAR SOBRE O ROMANCE.

MEDITAÇÕES DISPERSAS

Fronteiras ténues entre a literatura e a espiritualidade

AMÉRICO PAULO MAIA*

«Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento.
Era uma vez a gente que construiu esse convento.
Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes.
Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido.
Era uma vez».

Em breves pinceladas é esta a história narrada pelo romancista e Nobel da literatura José Saramago na sua bela obra «*Memorial de um convento*» (Editorial Caminho, 1982).

Trata-se sem dúvida, para mim, de um dos seus melhores romances, a merecer várias edições, traduções e mesmo adaptações ao teatro e à ópera.

Estamos no séc. XVIII da nossa lusa história e no reinado faustoso de D. João V. Na altura vivia-se (se bem que poucos disso usufruíssem) das especiarias vindas do Oriente, do ouro vindo do

* O P. Américo Paulo dos Santos Freitas Maia, cmf, é licenciado em teologia dogmática pela pontifícia universidade Gregoriana em Roma e missionário em Luanda/ Angola (há 9 anos).

Brasil e de outras mercancias vindas de África, dentre as quais escravos. Por demora de D. Ana, esposa de D. João V, em conceber e dar à luz o sucessor, o rei, aconselhado por uns frades, faz a promessa de lhes iniciar a construção d'um convento em troca dos benefícios do alto. A rainha, de facto, dá à luz e a promessa é cumprida pelo rei: iniciam-se assim as obras da construção do nosso «ex libris» convento de Mafra. Adiantemos que os heróis desse monumental convento na pena do escritor são a gente simples anónima que com o seu sangue, unidade e suor tornam possível a concretização desse sonho régio e fradesco. O romancista encarrega-se de lhes dar rosto, nome e voz (sofrida e ao mesmo tempo esperançosa)...

Entretanto no decorrer das páginas do romance vão emergindo três personagens de destaque. São elas: Baltazar (Sete Sóis), simples e iletrado soldado que perde a sua mão esquerda numa batalha contra os castelhanos, substituindo-a por um espigão e um gancho; Blimunda (Sete Luas), mulher de um olhar penetrante (daqueles que «vêm por dentro») e com costela de judia. Chegamos ao fim do romance sem termos descoberto a tonalidade do seu olhar (cinzento?, azul?, verde?...). Basta tão só perceber que o seu olhar sintoniza profundamente com a vida e a realidade que a envolve nos dias de sol claro ou de névoa cinzenta. Vamos descobrindo que essa visionária possui o dom (e o estigma) de perscrutar as entranhas das pessoas com quem se cruza. Para evitar esse horror, cedo aprendeu a precaver-se com um pedaço de pão quotidiano que lhe assegura a reconfortante “cegueira”. Temos depois o P. Bartolomeu de Gusmão (figura da nossa história), confessor do paço real, e que sonhava poder um dia voar. Não se fica pelo sonho e lança mãos à obra: constrói uma passarola, mais tarde com a ajuda dos seus amigos Baltazar e Blimunda. No entanto, teve de ir a um país distante (terra de sábios) para descobrir o segredo alquímico que fizesse levantar o seu engenho. Descobre: serão as humanas vontades (essas “nuvens fechadas” presentes no interior de cada homem e mulher) e que só Blimunda poderia recolher nas suas horas de jejum (mas só a dos moribundos e indolentes!). No entanto, para que tudo corresse bem, o *Sol* era imprescindível para que essas vontades se movessem e se elevassem...¹ Quanto ainda ao P.

¹ Interessante fazermos a comparação dessa história com o mito grego de Dédalo e de seu filho Ícaro, ressaltando sempre as devidas diferenças. As duas personagens clássicas

Bartolomeu de Gusmão, esse, perseguido pelo poder inquisitorial morre doido e vencido pelas suas lucubrações e dúvidas teológicas... Destaco ainda a figura discreta da mãe de Blimunda (Sebastiana Maria de Jesus, assim se chamava) que, ao início do romance conhece a sentença do degredo para Angola só pela ousadia em assegurar que as portas do céu estariam abertas para todos (“*todos podem ser santos*” afiançava a profetiza)... De não menos importância se reveste a figura de Domenico Scarlatti (músico italiano, tocador de cravo ao serviço de Sua Majestade) com quem Baltazar, Blimunda e Bartolomeu partilham o segredo do invento... Chegou-se a aventar a hipótese de a música (qual “*rosário profano de sons, mãe nossa que na terra estais*”) ser o móbil do invento para rumar aos céus...

Bem, o resto da história toca ao nosso leitor descobrir (se ainda não a leu). Ressalto ainda a característica de *perenidade* que o autor empresta a algumas das suas personagens. Baltazar tem um fim aparentemente trágico. É apanhado pelas teias da Inquisição e é destinado ao suplício do fogo. No entanto, Blimunda chega a tempo de recolher a vontade do seu amado, essa «*nuvem fechada*» que não foi feita para escalar o céu rumo à morada dos deuses mas sim para permanecer na terra junto de Blimunda.

Confesso o fascínio que este romance causa... E isto porque é um livro que ajuda a meditar sabiamente sobre a vida, sobre o mistério que nos rodeia e a ver as coisas sob um outro prisma. Sabemos que o romancista se define como um ateu confesso. Mas denota conhecer bastante bem a nossa tradição cristã, da qual aliás não se coloca à margem. Essa sua opção (respeitável) não o isenta de envolver as suas personagens (sobretudo femininas) numa atmosfera de misticismo e de mistério que não deixa de fascinar um leitor desatento. Percebemos que essas têm qualquer coisa de divino. Como consequência, aventurava que Deus simplesmente «*in-existe*» na Sua simplicidade eloquente nessas figuras de carne e osso desenhadas pelo nosso autor.

encontravam-se presas num labirinto que o próprio Dédalo tinha construído para o rei Minos de Creta. Para se libertarem, Dédalo inventa dois pares de asas para si e para o seu filho – feitas de cera e de penas de pássaro. Antes da partida, Dédalo aconselha Ícaro a voar numa altura média para evitar a proximidade do Oceano, reino de Neptuno, ou em voo alto à altura da morada dos deuses celestes. No entanto, o jovem, incauto, aproxima-se excessivamente do Sol que lhe derrete as suas asas, sem que o pai disso se dê conta, caindo assim fatalmente Ícaro nas águas do Oceano.

A propósito, é bela a meditação feita pelo P. Bartolomeu de Gusmão, em pleno voo, a respeito de si, de Baltazar e de Blimunda, comparando-se a si e aos outros dois respectivamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. E isso em concomitância com o tema do sermão que tem de preparar – “*Et ego in illo*” – que alude ao mistério da presença de Deus em nós, mas que se converte na fórmula de “nós em Deus” até chegar ao sacrílego pensamento da dependência de Deus em relação ao homem... Cedo na nossa vida ensinaram-nos a olhar para o alto onde encontrar Deus, mas somente tarde (ou muitas vezes nunca) é que O intuímos na profundidade da nossa vida e bem encarnado na terra... Assim, ainda a respeito do «olhar» de Blimunda, aquilo que ela um dia divisa a medo numa *partícula consagrada*, num momento de atrevido e ousado jejum, não é o vazio ou a fria matéria decomposta (como nos poderia fazer levar a crer uma perspectiva *superficialmente* atéista da vida) mas sim uma «nuvem fechada»!² É como se, na mente (inconsciente?) do romancista, a «divindade» incarnada (feita pão) quisesse ser simplesmente na discrição de uma partícula (a ser consumida) mais uma humana vontade a juntar-se, *intimamente* e «*desde dentro*», a tantas outras nessa árdua e criativa tarefa de tornar possível os sonhos...

Ora a leitura desse romance leva-me a intuir também que a história e realidade dos homens (e das mulheres) só poderá ser saboreada em todos os seus recantos e com toda a sua suculência, pela sabedoria dos poetas, dos *ateus* (daqueles que se empenham na procura) e pela sabedoria dos místicos. Os três têm uma raiz comum, pelo que facilmente sintonizam. E a sabedoria dos três desemboca inevitavelmente na clarividência e coragem do «profeta», sempre em desajustes com o meio onde vive, qual «pedra rejeitada»... O próprio Jesus, a meu ver, foi um poeta (O Poeta), artista das palavras que

² A propósito da nuvem fechada (símbolo da vontade) que é vista por Blimunda na intimidade do pão eucarístico, recordamos aqui a saborosa conversa tida uma vez entre o místico S. João da Cruz e um seu confrade de nome Francisco numa hora de amena recreação. A uma dada altura, pergunta-lhe frei João: “Diz-me, meu filho, quem é para ti Deus?”. Sem pensar duas vezes contesta-lhe o seu interlocutor: “*Deus é aquilo que Ele quer ser*”. Assim na reflexão de frei Francisco, a essência sublime de Deus é intimamente identificada com o seu próprio querer ou vontade. Não nos parece que esteja longe esta intuição do sentido daquilo que Blimunda vê e descobre, naquela hora de ousado jejum, naquela partícula consagrada...[cf. ALONSO DE LA MADRE DE DIOS (1568-1635), *Vida, virtudes y milagros del santo padre fray Juan de la Cruz*, Editorial de Espiritualidad (edición preparada por Fortunato Antolín Rodríguez), Madrid, 1989, lib. 2, c. 6, 386].

fascinam e da magia das mãos e dos olhos que tocam e curam; foi um ateu (entendamo-nos bem e no sentido acima exposto) em relação a uma certa imagem de divindade, vendida por algumas autoridades religiosas do seu tempo, que pouco tinha a ver com a terra e a luta dos homens; foi também um místico (O Místico) que foi descobrindo e dando a descobrir em profundidade, desde os alvares de Nazaré, esse Deus íntimo in-existente (e por isso mesmo inefável e difícil de encontrar) ao qual tem o à-vontade de chamar «Abbá» – papá. E por tudo isso, o Nazareno afirmou-se com a força e a desenvoltura de um profeta até à medula do seu ser...

Pressupondo o que detrás foi dito, tenho a impressão que o âmbito da religião cristã não é só uma questão de valores mas sim de *sabedoria* (*saborear* o Mistério e partilhá-lo). Os valores (mesmo os mais sublimes) podem mudar; a sabedoria (inerente a cada biografia), essa por sua vez, perdura, lança raízes e rompe horizontes.³ Porque é assim, não nos assiste, se calhar, o direito de «valorizar» esse romance. Tão só o de *sabidamente* entrar em sintonia com o espírito que o anima, nesse afã de se destringar as alusões ao *Totalmente Outro*, tantas vezes só balbuciadas (inconscientemente) e em surdina pelo romancista. Por outro lado, faz-nos bem a nós que nos movemos nesta idiosincrasia cristã lançar um olhar intuitivo sobre a (outra?) margem para descobrirmos aí esses gérmes do Mistério no qual todos nós respiramos, nos movemos e existimos (muitas vezes desatentamente).⁴

³ Destaco a propósito a obra dum jovem teólogo e novelista castelhano de nome Pablo d' Ors que se tem proposto reflectir o cristianismo numa perspectiva cultural e estética. Elucida-nos o autor num dos seus escritos: «*Em minha opinião, não é certo que o cristianismo possa garantir os valores de uma sociedade; simplesmente não combate nessa frente. Digo-o de uma forma mais apodictica: para a fé cristã não são importantes as ideias ou os valores (dimensão racional e ética) mas sim as narrações e biografias (dimensão estética). Ou de forma ainda mais provocadora, consciente do insólito deste ponto de vista: a fé cristã não se move no âmbito da racionalidade – por muito que nos tenham crido fazer crer – mas sim no da sabedoria. Não é que ambas as coisas sejam radicalmente opostas, mas certamente são distintas: a verdade transcende o espaço do lógico-empírico*» (o entre-parêntesis e o sublinhado é nosso) (PABLO d' ORS, «El cultivo del culto y la cultura. Hacia una teoría cultural del cristianismo» in «*Vida Religiosa*», 1 marzo 1999, nº 2, vol. 86, p. 96).

⁴ Afirma ainda, a propósito, o nosso teólogo acima referido: «*A sensibilidade religiosa do homem dá um passo adiante e se qualifica de modo extraordinário quando é capaz de adivinhar a presença do sagrado nas próprias obras humanas... A percepção do sagrado nas obras culturais é o primeiro dos passos para que se possa falar rigorosamente de uma "história religiosa"*» (Ibidem, 101). Recomendo ainda vivamente do mesmo autor o artigo: «Las nupcias entre arte y religion. Hacia una estética teológica» in «*Sal Terrae*», Febrero, 1999. Elucidativa pode ser também a reflexão feita pelo ensaísta Eduardo Lourenço sobre

Realce ainda para o crédito que o nosso romancista dá à sabedoria dos simples. São esses os visionários que perscrutam mais longe e estão em condições de melhor saborear a Vida com toda a sua ambivalência, e de serem a pedra de toque para a mudança. Desafia-nos também o romancista a não cruzarmos os braços numa época como a nossa marcada por um pessimismo doce: foi a união das duas mil vontades (e não uma só) que fizeram levantar o engenho. Mas, atenção, a passarola só cruzaria os horizontes só até quando as últimas réstias de *Sol* durassem...

este romance de Saramago na sua vertente religiosa. Aponto somente o título dos artigos: “*O memorial ou da história profana como história santa*” e ainda “*Saramago: um teólogo no fio da navalha*” (cf. Eduardo Lourenço, *O canto do signo. Existência e literatura*; Editorial Presença, 1993, pp. 180-188).

RE

revista de
ESPIRITUALIDADE

Ano XV – Nº 58 – Abril / Junho 2007

PORTUGAL, Alpoim Alves

Uma vocação: «Louvor de Glória»

MACHADO, António José Gomes

*Isabel da Trindade: Jovem, Carmelita,
Profeta da interioridade*

VAZ, Armindo dos Santos

*Ler a Bíblia no início do séc. XX: Isabel
da Trindade*

ROSS, Gregory

*A Santa da Inabituação divina
Uma página carmelitana do Cardeal
Joseph Ratzinger*

PASSOS, Teresa Ferrer

Apelos Sacros de Fátima

MAIA, Américo Paulo

*Um novo olhar sobre o romance.
Meditações dispersas*